

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

MALDONADO, Rogério Carlos. Rogério Carlos Maldonado (Bambu) (depoimento, 2014). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (2h 2min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre MUSEU DO FUTEBOL e FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Rogério Carlos Maldonado (Bambu)
(depoimento, 2014)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Aira Fernandes Bonfim; Raphael Piva Favalli Favero;

Levantamento de dados: Raphael Piva Favalli Favero;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Raphael Piva Favalli Favero;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Carolina Soares Pires;

Local: São Paulo - SP - Brasil;

Data: 17/12/2014 a 17/12/2014

Duração: 2h 2min

Arquivo digital - áudio: 2; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 2;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Territórios do Torcer - uma análise quantitativa e qualitativa das associações de torcedores de futebol na cidade de São Paulo” desenvolvido pelo CPDOC em convênio com o Museu do Futebol e financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), entre março de 2014 e fevereiro de 2015. O projeto visa, a partir dos depoimentos cedidos, a publicação de um livro e a edição de um filme documentário sobre o tema.

Temas: Anos 1990; Edson Arantes do Nascimento (Pelé); Esportes; Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã); Eventos e comemorações esportivas; Família; Infância; Roberto Rivelino; São Paulo; Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira; Torcidas de futebol; Viagens e visitas; Violência;

Sumário

Entrevista: 17.12.2014 Origem em Diadema, São Paulo; relação com os pais; o início da relação com o futebol e com o Sport Club Corinthians Paulista; a amizade com os empregadores da mãe no jogo entre Corinthians e Associação Portuguesa de Desportos Portuguesa; as idas ao Estádio Municipal Paulo Machado de Carvalho (Pacaembu) na infância e juventude; o primeiro contato com torcidas organizadas em 1993 com o Coringão Chopp; a ida para a Gaviões da Fiel; relato do primeiro encontro com o presidente da Estopim; a ida para a Estopim e o desenvolvimento da torcida; o maior desafio para a reestruturação da Estopim; o primeiro jogo com a torcida organizada Estopim; a violência nas torcidas; a proibição das torcidas nos estádios e a burocracia após a liberação; a volta da Estopim em 2000; o reflexo do falecimento de um dos fundadores da Estopim, “Seu Romualdo”; o princípio de não violência da Estopim; o papel da torcida na formação dos jovens; os cargos exercidos na Estopim; os desfiles de carnaval da Estopim; a organização da Estopim quanto a Carnaval e Futebol; a questão das sub sedes e as idas aos jogos no Pacaembu; o processo de ingresso na Estopim; a relação com o estádio do Pacaembu e Arena Corinthians (Itaquerao); a organização da Estopim em dias de jogo; relação entre a Estopim e a Pavilhão; a primeira caravana em 1994 para o Estádio Jornalista Mário Filho (Maracanã) com a Gaviões da Fiel; relato das caravanas; as promessas feitas antes dos jogos; a relação com as outras torcidas; a importância da prevenção nos estádios; a relação com as torcidas do entrono de Diadema; o fim da Confederação Nacional das Torcidas Organizadas (Conatorg) e a criação da Associação Nacional de Torcidas Organizadas (Anatorg); a modernização e transformação do futebol em produto; a estrutura da Anatorg; sonhos para o “espaço de torcer” e o caso de Jururu; a questão dos materiais de torcida; a relação entre jogador e torcedor; os impactos da Lei Pelé; o contato com Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira (Sócrates), Roberto Rivelino e José Ferreira Neto (Neto); o centenário do Corinthians e as 100 bandeiras.

Entrevista: 17/12/2014

R.F. – Dezesete de dezembro de 2014, projeto “Territórios do Torcer”, uma parceria do Museu do Futebol com o CPDOC. Hoje estamos aqui na sede da torcida Estopim da Fiel com o Rogério Maldonado, o Bambu, e com os pesquisadores Aira Bonfim e Raphael Piva. Bom, obrigado primeiro, Bambu, por receber a gente aqui na sede da Estopim, por topar participar do projeto e, por favor, queria começar com você se apresentando, falando seu nome, a data e o local de nascimento, contando um pouco sobre a sua infância, seus pais, sua família.

R.M. – Bem, meu nome é Rogério Maldonado, tenho 37 anos. Moro em Diadema, sou morador de Diadema. Nasci aqui na cidade. Filho de Antônio Maldonado Vitorino e Antônia Carlos Dias. Minha relação com a Estopim surgiu aí de acordo com o amor pelo futebol.

A.B. – Como surge essa história de amor ao futebol você menino?

R.M. – Bem, a minha infância, a minha mãe separou do meu pai muito cedo. Eu até agradeço a ela, porque meu pai é palmeirense. Então eu não tive o prazer de conviver muito com ele. E meus tios... Da parte do meu pai, são todos santistas e os outros são palmeirenses. Da minha mãe são todos corinthianos. Tem duas primas que são são-paulinas, o resto todos corinthianos. Então eu convivi muito mais com a minha mãe, com meus tios. A minha primeira lembrança que eu tenho do Corinthians foi na final de 1982 contra o São Paulo. [inaudível] da minha vó, na favela da Marilene, aqui em Diadema. E estava toda a família reunida, porque tinha aquela coisa das famílias se reunirem todos os domingos e era na casa da minha vó, em um barraco. Na hora que o Biro Biro fez o gol, minha tia meteu a mão no barraco para comemorar e cortou em um prego assim, sabe? A mão no prego, aquele sangue, aquela coisa. E eu tinha sete anos. Nem sete anos, era muito moleque, muito criança. Eu vendo aquela cena e: “Olha, vamos levar para o hospital, leva para o...não sei o que lá”. Minha tia pegou um monte de pó de café, jogou na mão, apertou e: “Vamos ver o Corinthians.” Aquilo me marcou, sabe? E eu tenho um tio que eu gosto muito, que é o Miro, e eu vivia muito com ele, me inspirava muito nele, pela ausência do meu pai e eu virei corinthiano nesse sentido. Talvez pela família. Lógico que nem todo mundo nasce corinthiano, não acho que nasce corinthiano. Mas o que me aflorou, que espantou a paixão foi esse instinto e o meu tio. Meu tio, o maior responsável é meu tio.

A.B. – E aí dessa paixão como você vê o crescimento...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.B. – Vamos pensar agora como que esse menino que escolhe torcer para o Corinthians, como passa a ter esse envolvimento com o time. Qual a primeira vez que você foi no estádio ou os outros jogos que você assistiu?

R.M. – Eu tenho um caso curiosíssimo sobre estádio que vai acontecer agora no ano que vem, que vai ser fantástico, assim, para mim. Estou até meio que emocionado de...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

A.B. – Vamos lá. Pode continuar.

R.M. – Então, aí o meu encontro com o Corinthians é... Na final do Paulista de 1988, que eu tenho referência. Eu não me preocupei em parar para ver, assim, o jogo. Foi a final. Eu queria muito a camisa do Corinthians. Muito, muito. Sabe, eu falava: “Mãe, compra a camisa do Corinthians, compra.” E não tinha muitas lojas de esportes, só tinha na região Central de São Paulo, mas a vizinha tinha uma camisa do Corinthians, que era toda listrada só com o símbolo. Sabe aquelas que não tinha... E eu falei: “Poxa.” Aí a minha vizinha falou assim: “Olha, tem do meu filho aqui que não serve mais, faço um preço baratinho.” Minha mãe foi e comprou da vizinha a camisa, que era do garoto, e me deu. Só que eu via a camisa e olhava para o jogo e falava: “Essa camisa não é a camisa do Corinthians. Mãe, está faltando coisa aqui.” Não tinha o Topper, não tinha o Kalunga. Aí eu fui na papelaria, comprei um guache e escrevi Kalunga, pus o número, desenhei o negócio da Topper. Só que na primeira lavagem saiu tudo, não é? Acabou acontecendo isso. Mas minha primeira referência foi essa, de assistir um jogo. E aí meu pai, em 12 de dezembro de 1988 meu pai foi na minha casa me ver e falou: “Vamos sair.” E me levou no Pacaembu. No jogo do Corinthians. Assim, totalmente de supetão.

R.F. – Ele palmeirense te levando no...

R.M. – Ele palmeirense. Ele sabia já, não é? Ele já sabia de tudo isso, então ele falou: “Vou agradecer o moleque, não é?” Não me levava para porra nenhuma, me agradou pra caralho. Então a gente foi assistir Corinthians e Vasco na Copa União de 1988. Corinthians empatou em 0 a 0 e a gente perdeu nos pênaltis. Eu sentei ali onde é o setor hoje lilás, ao lado do portão 23, ao lado do tobogã. E foi incrível, foi incrível. E aí eu comecei a fazer recorte de jornal, recorte de revistas, para entender mais. Comecei a estudar o Corinthians nesse sentido. Em 1988, Corinthians e Portuguesa... Minha mãe foi doméstica a vida toda. Me criou, construiu a casa. Tudo que ela tem hoje é graças à profissão dela e eu me orgulho muito de falar nisso, porque ela foi guerreira e até hoje é, nesse sentido. Aí eu fui na casa dos patrões dela e ele falou: “Ah, vamos no Pacaembu?” Falei: “Lógico, vamos embora, porra.” Oitenta e nove, Corinthians e

Portuguesa. Eu fiquei no Pacaembu, 1 a 0, gol do Ribamar. E esse patrão da minha mãe, essa família toda, ela foi embora para os Estados Unidos, foi para Orlando. E agora eu vou para Orlando em janeiro ver o Corinthians na Copa... Vai ter uma copa, Copa Orlando, não me recordo. E a gente vai reviver esse momento de estar junto no estádio depois de muitos anos.

R.F. – Vocês ainda mantêm contato?

R.M. – Mantém. A gente se fala periodicamente. Agora eu vou ficar na casa deles. Vai ser legal resgatar essa gana de estar em um jogo junto com ele... E aí até pela minha infância, pela dificuldade financeira que nós passávamos, eu não poderia ir muito ao jogo. Porque minha mãe não gostava muito, meu pai não estava sempre presente, meu tio não gostava de ir para estádio, não tinha aquela coisa de ir para estádio. Eu voltei no estádio em 1990 na semifinal contra o Bahia. Aquele que o Pacaembu tinha 40 mil fora e 40 mil dentro. Acho que foi o maior gol na história do futebol, foi aquele gol do Neto. ...um, dois, três, todo mundo grita gol. Porque foi um gol espontâneo, assim. Não que os outros não sejam, mas foi... Fica até uma... até hoje eu me arrepio. E eu fui com meu professor de matemática.

R.F. – Quantos anos você tinha?

R.M. – Em 1990? Eu não sou muito bom em matemática, não. Meu professor de matemática me levava para o jogo, então eu não sou muito bom em matemática. [risos] Em 1990... Eu sou 1977, então eu tinha 16... Não, não, não. Treze anos. Eu tinha 13 anos. E aí ele me levou no jogo. “a gente não vai para o...vai para o Pacaembu na semifinal. Comprei os ingressos e tal”. Fomos eu, o Barba, o Francisco e ele. Nós três para o Pacaembu. Nossa, o primeiro cara a entrar no Pacaembu fui eu naquele jogo. Fui lá no tobogã, lá embaixo. Mas eu não via o jogo, porque eu ficava vendo as torcidas mesmo, ficava nas bandeiras, ficava vendo as festas. Depois o que me motivou muito a ir para a torcida organizada foi uma mesa redonda. Porque eles acompanhavam as torcidas, as matérias, de pegar as bandeiras... Todo ritual que a torcida faz, até hoje, quando ela pode fazer, eles acompanhavam. Então eu falei: “Eu quero fazer isso. Fantástico aquilo. Quero ajudar, quero estar nesse processo.” Aí foi quando em 1994, eu parti para a torcida organizada. Noventa e três, na verdade. Parti para a torcida organizada. A Estopim, na época, como essa daqui estava fechada... Fecharam. Foi bem no finalzinho de 1993, começo de 1994. Eu me lembro, eu tenho lembrança de passar aqui na porta, mas ver tudo fechado. Pintado e tal, mas eu nunca vi aberta a sede aqui, aquela parte de baixo. Nunca vi aquilo. E na final de 1990 eu não fui porque não tinha ingresso. Tenho um caso curioso que vai remeter a esse ingresso. E eu falei: “Precisava ter um jeito mais fácil.” Aí eu descobri a

Coringão Chopp, que tem a sede também que é a quatro quilômetros daqui. Era perto da minha casa, só um ônibus estava lá. Comecei a frequentar a torcida, fiquei sócio, comecei a ir para os estádios através da Coringão Chopp. Eu falava: “Mãe, olha mãe...” Ia meio escondido, sempre escondido. “Olha, vou para a casa do pai, do pai vou na minha vó, vou lá ver o pai”. Porque eram bairros vizinhos lá. Marilene para [inaudível]. Eram bairros vizinhos. Então eu ia para Marilene, ficava lá, dava meio-dia eu descia para o Coringão Chopp, ia para o jogo e depois voltava para casa. E comecei a... todo fim de semana estava nos estádios.

A.B. – Você já tinha funções na Coringão, em algum departamento?

R.M. – Não, não. Era muito moleque.

A.B. – Nem bandeira?

R.M. – Não, não, era muito moleque. E aí comecei com os amigos de onde eu moro, que é um bairro vizinho, que é o Eldorado, tinha muita gente que era da Gaviões. E eu: “Vamos para a Gaviões, vocês estão assistindo jogo direto, vamos para a Gaviões.” Acabei indo pela cabeça do pessoal e fui para a Gaviões.

R.F. – Em que ano foi isso?

R.M. – Isso em 1994. Fui lá para o ABC, fiquei sócio lá no ABC com o Fernando.

A.B. – Dezesete anos?

R.M. – É, 17 anos. Meio tardinho já, mas... Eu comecei a ir... Muitas das vezes eu comecei a largar tudo para poder acompanhar os jogos, acompanhar mesmo essa rotina. Mas não tinha função. Até porque a Gaviões era muito longe. Antigamente, era mais... Não era tão, assim, aberto, como é hoje o diálogo, tão simples. Mudou muito a questão do diálogo. E fui crescendo na Gaviões. Até 2000.

A.B. – Quem era presidente na época? Você lembra?

R.M. – Lembro. O Dentinho era presidente na época, em 1994. Aí tinha os líderes. Dentinho, Metaleiro, Pancho, Jamelão... A gente via esses caras como deuses, meio que intocáveis. Quando ele passava assim: “E aí, moleque.” Dava um tapa na sua cabeça... “Caralho, o Jamelão me deu um tapa na cabeça. O Metaleiro...” O que? Não tinha muito essa quantidade de diálogo que tem hoje. Eram caras muito sérios. “E aí?” Vozeirão, não sei o que lá. Até porque eu também não vivia muito na quadra. Eu morava muito longe. Eu moro muito longe da quadra da Gaviões. Diadema, para você chegar lá, sem condição de ir de carro. Aí era difícil pra caramba. Então a gente tinha essa dificuldade de ter esse acesso, essa relação. Aí eu comecei já a ser líder da região de Diadema. Eles ligavam lá: “Bambu de Diadema aqui.” “Fala,

Bambu.” “Precisava de tantos ingressos.” “Pega aqui e tal. Está reservado então.” “Na caravana vão uns 15, 20 caras.” “Firmeza.” Então já começou a criar uma certa liderança nesse sentido naturalmente. E na final do mundial em 2000 eu reservei 28 ingressos. Eu tinha automóvel, eu tinha [inaudível].

R.F. – Você foi com a Gaviões?

R.M. – É, com a Gaviões. “Diadema, fala aí, é o Bambu. Mano, quero 28 ingressos.” “Está separado aqui.” Aí eu fui de carro, na sexta-feira, na quinta-feira à noite. Fui lá pegar as passagens. Aí o cara me olhou e falou: “Deu maior rolo aqui, cara. Você não sabe. Seus ingressos, a gente comprou seus ingressos. Tem ingresso não.” Só que deu ruim e não era só eu, não é? Tinha 27 caras que estavam me incumbindo de ver a final do mundial de clubes do Corinthians. No Maracanã, aquela segunda invasão, aquela coisa. E eu fui para o Camisa 12, assumi a Camisa 12. O cara: “Não, não tem ingresso, não. Acabou já, já era.” Eu falei: “Os caras vão me matar.” Uma frustração enorme. Aí quando estava saindo, o Vila Maria me chamou e falou: “Bambu.” Já me conhecia da arquibancada, já sabia todo meu repertório. “O que está acontecendo?” Falei: “Estou sem ingresso. Deu rolo lá e nós ficamos sem ingresso.” “Não, eu compro para você. Quantos você quer?” “Vinte e oito.” “Não, eu compro para vocês aqui.” Aí separou o nosso ônibus. A gente acabou que foi com o Camisa 12 para o jogo. E eu, o Coxa, que está como vice-presidente hoje, eu fui lá, mano, eu... “Não dá, não. Eu vou fazer meu corre, não vou andar mais ninguém, não, porque... Já pensou se vocês ficam fora do jogo? Hoje foi campeão, vocês ficam fora do jogo por causa de... Porque a culpa ia ser minha.” E falei: “Não, não dá mais, não.” Aí acabei conhecendo o presidente da Estopim.

R.F. – Da escola de samba?

R.M. – Da escola de samba. A Estopim continuou como escola de samba ainda na cidade. [inaudível] os trabalhos que eu faço de [inaudível] para a escola de samba da cidade e eu conheci ele. “Você é o Marcão. Fala, Marcão. Tudo bom? Eu sou da Gaviões, tenho um grupo de amigos aqui.” Pensando que ia fechar. “Olha, amigo, eu sou corinthiano e tal, mas eu... de arquibancada, mais para ver o jogo. Me importo muito mais com o Carnaval do que com a torcida em si.” Falei: “Eu tenho um grupo de amigos. Dá para a gente organizar isso?” Ele falou: “Dá.” Sem me conhecer, sem pestanejar, sem... “Dá sim, fechado.” Aí eu reuni a galera que foi para o mundial. Foi em meses, assim. Depois de um mês. Falei: “Amigo, pintou a Estopim. A escola tem sede, tem bateria, é escola de samba. Só falta fazer umas faixas e umas bandeiras. Vamos? Vambora, meu! E aí, o que vocês acham?” “Acho legal.” Aí a gente

começou a organizar. Aí eu conheci um dos fundadores, que foi o Seu Osvaldo, hoje falecido. Fui buscar a história. Aí quando o Marcão falou: “Beleza...” A gente marcou um domingo de vir aqui na sede. Que era um bar, tinha um bar aqui e tinha um armário virado para a parede. Quando eu desvirei esse armário, a história da Estopim estava lá naquele armário, sabe? Só naquele armário virado de costas para a parede.

A.B. – Que tipo de coisa?

R.M. – Tinha as fichas de sócios, não é? Tinha muita carta de torcidas do Brasil todo. Tinha aquela relação que era muito forte no passado.

R.F. – Correspondência?

R.M. – Correspondência. Tinha... Até achei carta de sócio com dinheiro. Um cara de Porto Alegre queria ficar sócio. Mandou um dinheiro que nem valia mais. Estava a conta lacrada.

R.F. – Cruzeiro?

R.M. – É, desse tipo. E eu achei uma coisa que me revoltou muito, que foi o ingresso de 1990 intacto ainda. Eu não pude ir para o jogo porque não tinha ingresso e talvez tenha sobrado, alguém desistiu na época, ou alguém entrou sem. Naquela época não tinha toda essa... E a gente mesmo ficava “vamos reorganizar.” E eu achei o Seu Rosalo. Eu achei o Edgar, que era um sócio antigo, que eu falei: “Conheço esse velho aqui, amigo.” Que eu olhei as fichas. “Conheço esse cara.” “Estou sossegado, estou com um comércio aqui agora. O que você precisa?” Falei: “Olha, amigo, preciso fazer faixa, bandeira, preciso voltar com a torcida.” Ele me deu pano. “Toma pano. Pano é fácil.” Aí eu fui no Seu Rosalo, expliquei para o Seu Rosalo. Seu Rosalo me deu o cheque e falou: “Toma, manda fazer, manda pintar esse pano aí e bota lá. Vou confiar em vocês.” E aí, na época, o Maicon me levou para conhecer a vice-presidente, que era a Dra. Marcela, [inaudível] da cidade muito famosa. Fomos eu, Coxa e o Tuca lá nessa visita. Aí eu me lembro que ela falou assim para a gente: “O que vocês querem da Estopim? Vocês querem ganhar dinheiro com a Estopim? Qual é a intenção de vocês? Vocês querem fazer o que?” Falei: “Não, a gente quer reorganizar a torcida, quer ir com a torcida.” E hoje eu tive... Esse ano, 2014, eu dei para ela a resposta... 35 anos, a quadra lotada, uma puta de uma obra que nós fizemos, faraônica aqui. Aí eu falei para ela: “Aquela resposta está aqui hoje. O que a gente queria da Estopim era isso. Dar ao pessoal aqui uma sede, um complexo com quatro pavimentos. Um número grandioso de sócios.”

R.F. – Quantos sócios tem hoje?

R.M. – A gente dizia... Então, quando a gente abriu lá o cadastro tinha 11904. No último minuto a gente achou assim, tinha uma ficha. Inclusive foi de uma época que a gente estava fechado. Foi de janeiro de 1995. Não estava funcionando, mas eles continuaram cadastrando. Eram 11.904. Aí tinha muitas, nos primeiros números, poucas ... Não dá, não é? Aparece um sócio aqui número 12 mil, 13 mil, vamos fazer o que com o cara? Dois números não dá. Então vamos zerar? Vamos zerar. Então a gente zerou em 2000. Eu sou o número um, o Coxa é o número dois, Tuca é o número três e assim por diante. E hoje nós temos 12 mil, 12.100 eu acho que já está. Só ligar lá embaixo que eles informam certinho. Mas mais de 12 mil sócios. Se a gente fosse computar os dois números, daria quase 24 mil pessoas. Mas a gente se orgulha de ter zerado, porque a gente tem tudo ao controle. E eu acho que os caras falam: “Mas a Estopim é uma torcida que não tem muito índice de violência, quase zero.” Problemas de temperamento só que a gente tem hoje em dia. O que a gente remete a isso? Acho que esse... esse relacionamento novo, as pessoas querem fazer parte... Então é muito disso.

A.F. – Quando vocês voltaram a renascer a Estopim, qual foi o principal desafio? Vocês já tinham uma sede, bom. Fazer o recadastro, entender o seu lugar dentro do estádio...

R.M. – Então, o maior desafio foi pôr faixa nos jogos. Porque tinha pouco espaço. O setor que tinha disponível era o setor mais caro de colocação de faixa. Então a gente já conseguiu se impulsionar nesse sentido de... O maior desafio foi esse. Botar faixa. E a gente conseguiu ainda enganar a polícia por tempo, não é? Naquela época tinha muito... Como é que falava? Muitos bairros. Jardim não sei o que lá, Lapa, Barra, Chácara da Florida, Jardim não sei o que lá... E antes de a gente reabrir a sede, que foi em maio, a gente passou de janeiro a maio organizando aqui, pintando, grafitando, para poder inaugurar a sede. Nesse período, a gente conseguiu entrar com a Estopim no jogo. Eu chegava e os caras falavam: “O que é Estopim?” O policial. “Estopim Magalhães que tem lá no nosso bairro e tal, a gente veio.” “Legal, entra aí.” A gente acabou colocando as faixas nos jogos até março. Eu me lembro a primeira faixa, se eu não me engano, na Libertadores de 2000. A gente colocou a faixa no tobogã. Tem uma parte que era da Gaviões e: “E aí...Aqui não é lugar da Estopim, não.” A Estopim, todo mundo sabia que a Estopim é Diadema, Diadema, Diadema...muito nesse sentido. O cara pegou e falou...da Gaviões: “Quem são os caras? Você conhece?” Eu falei: “Os caras são eu, Coxa, os caras aqui, Tuca, Fogueira, o Fubeca.” “Ah, então está em boas mãos. Não, então está bom. Tem que se preocupar porque a Estopim tem história e coisa e tal, mas está com vocês, está tudo encaminhado.” E aí foi até quando a gente reinaugurou a sede. No que a gente reinaugurou a

sede, no outro dia, tinha um clássico, Corinthians e Palmeiras. A gente conseguiu fazer entrar com a faixa. Aí os policiais descobriram que se tratava de uma torcida organizada. Então a dificuldade foi essa de ocupação de espaço, de faixa, porque tinha muitas... O Corinthians sempre teve inúmeras torcidas, torcidas grandes, então foi esse o trabalho. O povo aceitar a Estopim. “Ah, a Estopim fechou.” Então o trabalho foi de conscientização mesmo, sabe? A postura de um novo trabalho no lugar da torcida organizada. Porque a gente tinha entendimento. Eu aprendi muito com a Gaviões, sabe? Foi minha grande escola. E eu consegui trazer para cá essa escola e consegui manter um tipo de postura diferenciada, que estava acontecendo naquele ano. Porque eu falo isso, mas quando eu era moleque, para você crescer na torcida, você tinha que se ocupar na torcida. Bandeiras, fazer festa... Você vê, todos os presidentes que teve nas maiores torcidas vêm dessa geração. Vêm de bandeiras, porque [inaudível] quebrada, porque eles se preocupavam com essa essência de... [inaudível] quebrada é organizar caravana, organizar ônibus, organizar ingressos... Então participava de uma certa forma. [inaudível] bandeiras, que era organizar faixa, papel picado, papel higiênico, bexiga, bandeirões, faixa, localização. Quando o poder público tirou isso das torcidas, o jovem, ele continuou a querer aparecer na torcida. Só que, infelizmente, o que sobrou para ele foi a violência. Então ele começou a ter respeito na torcida porque ele saía na mão com os caras, porque ele batia nos caras no caminho do jogo. Porque não tinha o que fazer mais. A molecada se reunia na quarta, quinta, sexta, sábado, domingo, para fazer a festa. De 1994 para a frente, começou a se reunir para poder fazer alguma coisa de mau. Porque se não você não tinha como. Porque a torcida não tinha influência. Você não tinha o que fazer na torcida para você aparecer sem ser essa questão. Infelizmente. Por conta do poder público. Então acarretou nisso, na violência. Porque quem batia, se não goleava, quem apanhava era... “Ah, apanhou?” Então o cara que apanhou queria uma forma de revanche, para chegar na boca do dono da torcida dele e falar: “Olha, vamos lá.” É o mesmo que acontece, que eu acho que aconteceu. Posso estar errado, mas [inaudível]. Se eu xingar [inaudível] de liderança, de exercer na molecada ali um futuro, qualquer coisa, um conselheiro, presidente, diretor, tesoureiro. Tipo avaliar as pessoas mais na torcida. Porque elas não tinham o que fazer na torcida. O máximo que elas faziam era ir lá, dar uma varrida no chão, organizar a sala das bandeiras, só. Quem tinha cunho ainda carnavalesco tinha mais condições, mas quem não tinha, não tinha o que fazer na torcida. Então eu gero muito isso, a preocupação da violência dos anos 1990 de acordo com essa proibição nas torcidas. Só que logo quando a gente reabriu, em 2000, eu tive aquela cultura de antes, aquela

educação, aquela doutrina de antes, que era pensar na festa, pensar no clube, pensar na essência, valorizar a torcida. Então a gente começou... Os que vinham para a Estopim, até hoje nunca saíram da Estopim porque a gente não faz esquema, não arruma confusão. Se defende. Se pisar no nosso calo é diferente. Aí a gente vai [inaudível]. Mas se não for no nosso caminho, a gente vai e volta tranquilamente. Sempre encontrando¹ policial, seguindo a ordem das reuniões preparatórias, você entendeu? Porque eu acredito que passou a ter mais responsabilidade. “Esse moleque aí tem que voltar para casa na segunda-feira, tem que ir para a escola, tem que trabalhar, tem a mãe dele. Eu não posso deixar a mãe na mão.” As rixas começaram a se tornar mortes. Criou um anseio de... Eu falava: “Não, os caras têm que voltar para casa. Não posso mais deixar.” Antigamente, você chegava em casa, no máximo, com um olho roxo. Hoje não. Você não volta mais. Então, eu me sinto culpado nesse sentido. Você fala para o pessoal: “Aí, vai para o jogo assim, assim, assado, caminho certo, horário certo, para não ter problema.” E não tínhamos problemas.

A.B. – Bambu, conta um pouquinho dessa burocracia que uma vez que eles descobriram que vocês eram uma torcida organizada, o que se teve que fazer para poder voltar a fazer a festa dentro do estádio? Quais foram esses passos?

R.M. – Então, logo em seguida, 2003, as torcidas foram de novo proibidas a entrar no estádio. Então passou por uma série de problemas de novo. Depois só voltou em 2006, 2005. Não me recordo datas. Mas aí voltou a parte burocrática. A festa realmente voltou quando o [inaudível] começou a entender que era fundamental a gente estar participando do processo de organização. A Estopim passou um ano todo... A polícia tem que fazer o que? “Vou ligar para o jurídico, vou fazer um ofício. Fulano, beltrano...” Eram três pessoas que marcavam no ofício que iam entrar com a faixa tal, bandeira tal, bandeira tal. Eles lá protocolavam, davam autorização. Plastificava esse ofício, porque valia para o campeonato inteiro. Só que, mesmo assim, eles tinham umas reuniões periódicas para preparar o evento. E sempre quem ia era a Estopim. Sempre a Estopim que ia. O Rivaldo, que era o diretor nosso da época, hoje é conselheiro, ele ia em todas. [inaudível] “Eu vou lá cedo depois vou trabalhar tarde, [inaudível].” Ele foi durante um ano consecutivo todas as reuniões preparatórias. Aí chegou um clássico que eu fui. Fui lá. Fomos eu e o Rivaldo. [inaudível] “Querida pedir para liberar o bandeirão.” “Você está louco? Vamos liberar para ninguém. Nunca liberou. É só uma faixa, instrumento e uma bandeira.” Eu

falei: “Tá, mas a Estopim vem aqui há um ano consecutivo, só a gente que vem aqui nessa reunião, ninguém está nem aí para essa reunião e a gente não pode entrar com nada, cara? Que vantagem a gente tem então? Vamos embora dessas reuniões. O que acontece?” “A gente vai liberar o bandeirão então.” Liberou no Corinthians x São Paulo no Morumbi e nós abrimos o bandeirão. Neginho falou: “O que aconteceu?” Até os [inaudível] ligaram, perguntaram: “O que aconteceu? O que aconteceu?” Falei: “Ué, eu fui na reunião.” Por isso a reunião, hoje ela é um sucesso. Por conta disso. Porque se não fosse, não entra com material nenhum. Só que eu acho que já está ficando consolidada, já está muito passado. Acho que está na hora do policiamento começar a ocupar esses caras. Sabe por quê? O torcedor hoje, ele não tem o que fazer no estádio. Tirando os 90 minutos, ele não tem o que fazer no estádio. Não tem uma bebida, não tem um jogo antes, preparatório, como sempre teve. Não tem motivo para o cara entrar antes. Não tem ação de nenhum marketing, nenhuma ação. “Ah, vocês não podem fazer a festa.” “Vamos entrar [inaudível]. Vamos entrar mais cedo, vai ter um mosaico, vamos entrar para levantar a plaquinha.” Não, não tem mosaico sem o povo. Mas não, não libera. Aí vamos ficar lá fora bebendo, conversando, batendo papo lá fora. Querem entrar faltando cinco minutos. Aí gera todo aquele problema. Era simples. Quer ver? Vamos fazer um teste. Libera o mosaico. No próximo jogo do Corinthians, clássico, se todo mundo não vai entrar antes com a plaquinha dentro do estádio. Se não estiver lá, o numero não acontece. Ou libera o papel higiênico. Ou libera o papel picado, ou libera, não sei. Gente, ocupa o povo. O povo não tem o que fazer no estádio. Aí fica lá fora bebend... Na Copa do Mundo, eu estive em alguns jogos da Copa, tinha cara que chegava na cara de arquibancada, para poder entrar antes, ser o primeiro a entrar, para poder aproveitar das coisas que tinha dentro do estádio antes do jogo. O cara passava três horas antes. Entrava, bebia, comia, [inaudível], tirava foto, conversava e depois ele via o jogo. É muito fácil. Ocupa esse povo. [inaudível] hoje ele pode fazer o que? No máximo reunir aí 15 moleques para poder levar as faixas antes. Porque [inaudível] determina que tem que chegar lá antes. Então é muito pouco. Acho que ainda temos muito mais o que fazer no futebol e na parte também da organização. Só que nós precisamos ter entretenimento para que o cara entre antes no estádio, se não o cara não vai entrar. Ele não tem motivação nenhuma para isso. Muitos caras entram nesse período, porque não tem o que fazer dentro do estádio. Isso me preocupa muito, porque “mente vazia, oficina do diabo”, não é? Então, sei lá. Eu sempre falo isso, mas não adianta.

R.F. – Você falou um pouco da reação das outras torcidas organizadas do Corinthians quando a Estopim voltou para as arquibancadas. Queria que você contasse um pouco mais como foi isso.

R.M. – Não, foi particularmente uma pessoa que perguntou. Porque ela sabia que nós éramos de Diadema. “Quem são esses caras que estão na Estopim?” “Somos nós.” “Então legal, está em boas mãos.” Depois... Na verdade, as outras torcidas tinham aquela rivalidade interna... Não rivalidade, mas aquela... Como eu posso falar a palavra exata? A Estopim estava aí a gente acabou conquistando nosso espaço com os méritos nossos, com viagem, com o número de pessoas, com a organização e tal. E está do tamanho que está hoje, entendeu?

R.F. – E depois vocês voltaram em 2000, não é?

R.M. – Voltamos em 2000. Nós ficamos de 1994 a 2000, seis anos, fechados. O último jogo que a Estopim esteve foi em 1993. Vitória na semifinal, aqui no Morumbi, Brasileiro. Na verdade, até para esclarecer essa questão, o Seu Romualdo foi o fundador, ele... Quando eu falo assim, em 1993...

R.F. – Você conheceu ele?

R.M. – Não, não conheci. Nós temos boas referências dele assim, sabe? Quando ele faleceu em 1993, ele era muito... “Faz aquilo, faz aquilo.” Não [inaudível] ingresso, não [inaudível] passagem... As pessoas acabaram se acomodando dessa situação e daqui a pouco ele faleceu. Teve um problema do coração e o médico proibiu ele de ir para o jogo. Ele vinha aqui, abria a sede, organizava a caravana e ia para casa. Aí em uma dessas aí ele veio, abriu a sede, distribuiu os ingressos, organizou a caravana, pôs os caras dentro do ônibus, voltando para casa, teve um infarto. Não aguentou, não é? Coisas da vida. Faleceu e aí as pessoas ficaram comovidas, aí acabaram deixando, assim, sabe, a tensão da arquibancada de lado. [inaudível] a gente faz um [inaudível] de conscientização do sócio, do valor dele estar vindo aqui, dele fazer algo não só [inaudível] para dar continuidade. [inaudível] 11 mil pessoas não teve nenhuma que teve o pulso de falar: “Opa!” Continuou como Carnaval, como associação, como entidade, mas como torcida não teve esse cunho. E eu vou falar para você, eu até não lamento muito essa questão, não, porque foi no auge da violência. Ficou fora, no auge ele explorou. Que era entrar com as modas dos jovens que faziam parte da torcida para poder brilhar. Juntava esse conceito. Então já não ajudou muito nesse sentido que nós pregamos hoje. O que a gente pega aqui é só pelo Corinthians, cara. “Ah, vamos pegar, vamos bater em alguém que nos impedir de ver o Corinthians.” Só. Nós vamos sair daqui e voltar, porque é que nem eu falo para os sócios novos

que a gente tem aqui. O Corinthians, ele é numeroso, tem muito torcedor, mas você só [inaudível] para ele vivo, você morto, você não vai cantar para ele, você não vai vibrar por ele. Então a gente quer você vivo. Isso é importante. Vivo. Entendeu? Então não adianta. Não quero números, quero presença, quero [inaudível], quero paixão. Você tem que estar muito vivo para isso. Pode fazer isso. A gente vai para ver o Corinthians. Só. Se tiver algum [inaudível] no nosso caminho a gente vai se defender em todos os sentidos. Mas se você fizer o certo, não tem como dar errado. É óbvio, coisa lógica. Então a gente procura fazer essas coisas. Taxado de torcida evangélica, torcidinha que não briga, mas eu não... Pelas torcidas organizadas rivais. Porque eu não me importo com [inaudível], porque o que eu quero é isso. Ter uma sede legal, um ambiente para os sócios [inaudível] atividades. Então a gente tem criança, tem família. Minha mãe frequenta aqui, sabe? Isso é... Eu quero é isso. Eu acho que nenhuma torcida aqui na escola de fundação, como regra, organizava um grupo de amigos para poder ir ao clássico, pegar um pau e um porrete e... Nós cumprimos as nossas leis, que estão no nosso estatuto. Não veria Seu Romualdo, Seu Osvaldo chegar aqui e falar: “Olha, hoje a gente vai sair daqui mais cedo, para poder pegar os caras para passar no terminal aqui embaixo.” Não. Então eu acho muito... Eu até falei esses dias. Nós temos que ser o que? Ser o que nós somos: torcida organizada. Torcer de forma organizada. É o óbvio, está escrito. Se você rege isso, se você prega, você fala que é, é só ser o que você é, fala que é. Você é uma torcida, que vai torcer para o clube que você [inaudível], de uma forma organizada. Só isso. Não vejo muito... Aquele coisa de violência em todo lugar. O mesmo jovem que vai e briga no estádio, ele briga na escola, ele briga na balada, ele agride os pais, ele xinga o professor. Nós temos o dom de pegar esse moleque que não faz muita coisa, que não tira nem o prato da mesa para pôr na pia em casa... “Olha, vai lá em cima, pega bambu, pega a bandeira e vamos para o jogo.” Ele vai com o maior prazer. A gente tem um cunho social nesse sentido. A gente tem histórias aqui de moleques que hoje se formaram, estão na torcida, se preocuparam com essa questão. Muitos que estavam aqui, que a mãe, por acreditar no que a mídia fala, tirou o moleque, hoje o moleque está preso, está morto. Tem o exemplo de um moleque que veio para cá quando tinha 11 anos. Conheci o moleque, doutrinava o moleque, ensinava para ele o que era o certo na caminhada e acho que o moleque faltou na escola algumas vezes, por causa do próprio Corinthians. Cansava de viajar com a gente. Tinha 13 anos, cansava de viajar, faltou na escola algumas vezes. A gente repreendeu ele. “Olha, não vai mais, não vai mais para o jogo, porque você está indo para a escola, coisa e tal.” Mas a mãe dele ainda falou que éramos nós que estávamos estragando o

moleque. E o moleque saiu daqui, hoje tem 17 anos, já ficou preso quatro, cinco vezes. Então nós temos um cunho de educação. A ausência dos pais... Não muito a ausência, porque hoje é um mundo muito moderno, as pessoas não respeitam mais as famílias, mas aqui ele vai olhar para mim, para o diretor, ele vai entender, ele vai respeitar. Então a gente se aproveita disso por causa da Estopim. Precisamos disso para poder criar novos cidadãos de bem, interessados nesse processo. Por conta da paixão que ele tem pelo clube a gente consegue exercer isso. Só que muitas vezes, quando o pai tira as nossas rédeas também, ele não faz a parte dele. Já não vinha fazendo, porque se ele está aqui é porque não tem alguém fazendo em casa. Dá no que dá. Então eu acho que nós temos essa forma de reeducação, digamos assim. Pela ausência de estudo, uma série de coisas.

A.B. – Quando vocês voltam em 2000 e pouquinho, você já volta como presidente ou você... Como é sua relação de mudança?

R.M. – Não, não. Já tinha um presidente na ata, já tinha um registro e o antigo fez uma reunião aqui embaixo. O grupo estava formado para poder organizar e o presidente da época, o Marco, falou assim: “Olha, quem quer ser presidente da torcida?” Eu falei: “Eu quero ser.” Em 2000. Então eu fui o diretor presidente da torcida. [inaudível] torcida, na verdade, não é? E aí a gente criou subcargos. Sem estar nada registrado, só para poder organizar aquela parte da torcida. Aí o Coxa, João [inaudível], Tuca, Fogueira, Castor, Dinei, a gente começou a criar subgrupos para poder acompanhar a questão da torcida organizada. E aí até depois teve outras eleições, aí eu saí. Eu fui de 2000 a 2002. O Coxa presidiu a torcida e eu fui ser diretor de alguma cargo. Aí eu passei a ser secretário da Estopim no geral. E fui todos os... Até 2007 que teve eleição. Porque botaram no conselho e eu me candidatei. Fiz uma chapa única, eu e Coxa, eu fui eleito presidente. Comecei a tomar conta da questão do Carnaval também. [inaudível] torcida, primeiro secretário, tesoureiro, tesoureiro da torcida, secretário administrativo geral e presidente.

A.B. – E hoje você está na segunda gestão. Você tem uma perspectiva de sair? Existe um outro personagem que tenha liderança para assumir seu lugar?

R.M. – Tem, tem. O próprio Coxa. O Coxa é um cara que foi meu vice na diretoria de torcida, depois foi de novo diretoria de torcida e foi meu vice-presidente nesses oito anos e está prontíssimo para poder assumir o cargo. Vai ter eleição agora no ano que vem. A gente vai concorrer à chapa. Vou apoiá-lo. Eu creio que ele faça parte do conselho. [inaudível] conselho com vice-presidente. Mas eu acho que já havia... Eu já passei. Acho que eu já estou ficando

ultrapassado nesse sentido, sabe? Nossos ensinamentos estão aí. A nossa doutrina foi criada, a nossa ideologia está bem exposta, só que tem um grupo de pessoas novas para dar um choque de gestão, que é necessário, é até para que o moleque que está lá embaixo nas bandeiras, começando nas bandeiras agora, [inaudível]. Para que ele se auto estimule, cresça mais na entidade com esse poderio, entendeu? Aqui a gente pode ter reeleição, mas eu vou abrir mão da reeleição, porque eu... Eu creio que, minha parte, já contribuí muito, eu tenho outros anseios na vida. Agora eu preciso... Vai ser difícil eu... [inaudível] para mim, depois de tudo isso, eu não sei como vai ser, mas eu não tenho pretensão nenhuma de ser mais presidente, diretor. No máximo aí ser do conselho para poder opinar e palpitar em algumas coisas.

R.F. – E os sócios hoje, eles votam para presidente diretamente?

R.M. – Assim que eu fui eleito, eu mudei o estatuto para que sócio votasse. Eleição direta. Não sei se tem chapa ou não. Mesmo porque chapa você tem sempre a ação da eleição, mas depois você [inaudível] para presidente. Se for chapa única, por exemplo. Mas sempre tem eleições para poder... A gente sempre reavalia cada [inaudível] do estatuto, moderniza ele para a atual situação, para não ficar muito arcaico. Não que a gente mude na essência, a gente só muda se o sócio, na assembleia, [inaudível]. [inaudível] algumas coisas nesse ano que passou, incluímos torcedor no meio, [inaudível], esse tipo de coisa, e sempre nessa parte democrática mesmo.

R.F. – Bambu, quando vocês voltam para a arquibancada, no ano seguinte, 2001/2002, vocês são campeões do Carnaval aqui de Diadema, é isso?

R.M. – É. [riso] Mesmo [inaudível] com a torcida, o que aconteceu? A gente voltou em janeiro. Aí o Marcão falou assim: “Olha, vocês vão desfilar com a gente já. Tem uma ala da torcida lá atrás.” Tinha umas bandeiras do Corinthians, aí pintamos Estopim na frente da bandeira. E a gente foi desfilar. E foi um fato curioso, porque eu, particularmente falando, tinha muita coragem, porque tinha uma prática de [inaudível] muito grande. Nossa. Você não podia ser gay que saía fásca. E aí quando a gente foi reabrir a Estopim, só que esse cara é muito curioso, é um cara que foi vizinho da minha vó. Passei minha infância no Marilene, não é? Ele era sempre mais velho que eu. Eu passava lá com os corinthianos, ele ficava xingando: “Ei, corinthiano, filho da puta, arrombado.”

R.F. – Da mesma idade ele era?

R.M. – Não, ele era uns cinco anos, uns quatro anos mais velho que eu. Eu era magrinho. Aí quando eu comecei a ir para a torcida, eu comecei a encarar esse cara mais de frente. Só que ele sempre corria de mim, onde eu estava, assim. Quando foi reabrir a Estopim, agora era

diferente, não era mais eu, não é? Aí eu fui em um bar [inaudível], quem estava? Onde eles frequentavam, [inaudível] todinha. Porque lá era o reduto dos caras, era O Marilene. E eu fui lá. Cheguei lá os caras: “O que você quer aqui?” Eu falei: “Calma, vamos trocar umas idéias, vamos conversar.” Falei: “Assim, assim, assado, vamos abrir a Estopim, a gente não quer nada com ninguém, quer ir para o jogo, certo? Você na sua e eu na minha, acabou o problema. Se trombar, [inaudível].” Aí no Carnaval a gente foi desfilar. Pegamos as bandeiras e tal, a Estopim estava no grupo dois, Diadema. E aí um dos caras puxou a bandeira nossa da arquibancada. Aí [inaudível], invadiu a arquibancada, caiu todo mundo no pau. Foi uma briga... A Estopim perdeu 30 pontos, continuou no grupo dois. E aí o pessoal foi fazer [inaudível] com a gente, porque tinha acabado de chegar na entidade. Eles entenderam que foi uma forma de defesa, não foi... O cara estava puxando a bandeira. Era uma parada sagrada, ninguém pode pôr a mão. Aí os caras nos culpavam. “Ah, não sei o que, eles fizeram, [inaudível] nosso. A gente queria ajudar a levantar a escola.” “Não, não tem mais esse negócio de escola. É a Estopim. E nós vamos para cima.” [inaudível] Carnaval, eu faço caracterização e eu trabalhei muitos anos na Gaviões. Em 1999, 2000, 2001 sempre atuava na Gaviões. [inaudível] É lixo, leva para lá se quiser. Não é lixo, mas não vai usar mais. A gente trouxe, que era luxo. [inaudível] sempre foi muito pouco, aí nós fizemos o nosso Carnaval. Aí foi campeão em 2001 n acesso, em 2002 nós fomos campeões no especial, na sequência. Em 2003 a gente ficou em vice, mas a gente descobriu que um cara que julgou, que deu a menor nota que nós tivemos, era primo do casal que foi campeão. E aí não permitia isso, então acabou que a gente foi vice, mas perdeu. Em 2004 a gente foi vice, em 2005 terceiro, 2006 fomos campeões, 2007... A gente ficou [inaudível] do terceiro sempre. [inaudível] Porque depois a gente começou a cobrar também. A gente cobrava os caras que pegavam lá 30, 40 mil, 50 mil e... “Vamos emprestar esse dinheiro aí, meu querido.” “O carro está feio, você ficou responsável, faz um carrinho mais bonito.” Começou a cobrar também dos caras no Carnaval. Começou a criar uma estrutura maior e aí os caras... Começou a ganhar, primeiro, segundo, terceiro [inaudível]. Aí quando ela subiu, 2007 para 2008, eu continuei seguindo [inaudível] do pessoal e aí em 2009 eu tomei um baque aí de um carnavalesco que não entregou as fantasias, a gente caiu. Aí falei: “Quer saber de uma coisa? Vou parar de fazer Carnaval, vamos falar de coisas...” [Aqui não se faz todo no Corinthians]². Só o Corinthians. Em 2010 tinha caído, aí falei: “Falar do centenário, é óbvio.”

² O mais próximo do que foi possível ouvir.

Está aqui para falar do Corinthians. Aí a escola de samba descobriu que o Corinthians ia dar uma remuneração, como deu para todas as torcidas que migraram no Carnaval. “Ah, não é justo, eu vou pegar no Carnaval 30, 40, eles vão pegar o dobro disso aí com o Corinthians e fazer Carnaval.” Aí resolveu de não ter disputa. A maioria venceu e não teve disputa, teve só premiação. E aí de sete prêmios... De dez, ela ganhou sete. Mas não subiu, porque ainda estava... Aí em 2011 o Mateus. Vicente Mateus. “Vicente Mateus – uma história em preto e branco.” Uma história construída em preto e branco. Falamos do Mateus e fomos campeões do grupo de novo em 2011 e subimos em 2012. Em 2012 falamos do Ronaldo. “O artista da bola: Ronaldo, o Fenômeno.” Fomos campeões no grupo especial.

R.F. – Ele ajudou em alguma coisa?

R.M. – Ajudou, ajudou, ajudou, sim. Ele reconheceu e ajudou. Aí em 2010 a gente começou, mesmo sem o Carnaval de Diadema, sem visibilidade, sem [inaudível] nenhuma, conseguiu captar recursos para o Carnaval. Nunca teve isso. Era sempre a verba, tinha casos em que o cara ficava duro, aí “vamos fazer a bandeira lá.” A gente começou a captar recursos para usar o Corinthians no décimo centenário. Em 2011 [inaudível] também colaborou com a gente. Dois mil e doze o Ronaldo e aí mudou a gestão, mudou o prefeito, não teve mais Carnaval na cidade. Mas mesmo assim a gente continua fazendo, continua seguindo. Em 2013 a gente homenageou o Sócrates. “És do Brasil o mais brasileiro.” Sócrates. A gente falou... Um samba muito bonito, um samba fantástico. As escolas de samba só foram fazer, apresentar... Só a bateria foi fazer apresentação. Não tinha mais o desfile na cidade. Então falamos de Sócrates em 2013. Em 2014 falamos do time de 1990. “Neto, os guerreiros e a primeira estrela.” Mil novecentos e noventa, falamos do Neto. E a gente está com a impressão de agora, em 2015, homenagear o Andrés Sanchez. Porque ele veio para o Corinthians, [inaudível]. Só que a gente não sabe se vai ter Carnaval, se não vai ter. Acho que no comecinho dessa semana tem esse impasse aí resolvido. [inaudível] Carnaval nosso é essa. Então eu sempre priorizo falar de temas [inaudível], que você traz o cara da arquibancada para se defender também, de lutar mais pela escola de samba, que ele fala do Corinthians.

R.F. – Você falou do plano de homenagear o Andrés Sanchez. Vocês, por tudo que ele fez no Corinthians, vocês têm alguma influência na vida política do clube? Existem associados da Estopim que são sócios do clube?

R.M. – De 2007 para cá, a gente [inaudível] sócio nosso, quem que era sócio do Corinthians. E nós tínhamos 600, que nós tínhamos 1100 sócios em 2007. Hoje tem 12 mil. Desses 11 mil

aí, cara, eu acho que não tem cinco que são sócios do Corinthians. Até pela distância, pelo valor. Então quando você [inaudível] uma questão política, eles costumam, a diretoria costuma avaliar os candidatos, para saber da proposta e depois, no futuro, cobrar. Mas a gente não tem [inaudível], não apóia ninguém, não indica ninguém. Fica a cargo dos sócios, de quem tem um poder de voto. [inaudível] de votação, [inaudível] possa votar.

R.F. – Pelo fiel torcedor, talvez.

R.M. – Exatamente. Talvez seja um ponto. Ou, [inaudível] dar o voto, se a pessoa se candidatar ao voto, [inaudível], a gente não costuma opinar, não. [inaudível]. Mesmo que o Andrei, o Paulo Garcia, uns lá, outros daqui, que for a gente fica sempre... A gente quer ouvir, vamos procurar os meninos até lá, você entendeu? Cada um com as suas propostas, mas a gente não... Por mais que seja maravilhosa a proposta de qualquer um, a gente não vai apoiar ninguém e vai deixar uma coisa meio que voluntária, para cada um decidir o seu voto. Que se avalie, não é?

A.B. – A sensação é que a Estopim e o Carnaval, é mais homogênea a relação. Não é tão separado, porque existe uma preocupação das torcidas de separar, principalmente a parte financeira.

R.M. – Não, eu creio que não, porque é o seguinte: a gente era muito assim. Quando eu comecei a puxar temas ligados ao Corinthians, o sócio começou a: “Vamos lá, esse cara é bom. É o Corinthians.” Aí as sub-sedes começaram a vir para cá, as sub-sedes começaram a viajar para cá para poder acompanhar o Carnaval. Então a gente achou a fórmula. Porque aqui tinha muita comunidade, sabe? Acho que a única escola de samba que tem quadra na cidade somos nós, que tem uma estrutura somos nós. Então a gente criou... Só que o que acontece? As escolas ficaram ultrapassadas. Muitas não estavam começando em dia. Então a gente precisava por causa disso também. Mas eu comecei a criar para isso. Nosso casal que tem aqui, [inaudível] o samba. As baianas estão sempre aqui periodicamente. Então a gente conseguiu consolidar. Só que [inaudível] o Carnaval da cidade, a cidade está perdendo esse foco. Então eu quero em 2015, mesmo que não tenha Carnaval aqui, se eu conseguir captar recursos, eu quero fazer o Carnaval em outra cidade. Porque eu não queria sair e deixar... Não por vaidade, não. O Carnaval dá muito trabalho e é muita encheção de saco. Mas pela entidade. Pelo o que eu explico, é a entidade. Eu queria deixar consolidada uma equipe de trabalho para 2016. Se voltar o Carnaval aqui, então está pronto. Não queria deixar... “Estou saindo fora.” Sem mestre de bateria, sem casal, sem carnavalesco, sem comissão de frente, sem baiana, sem nada. Não, eu queria consolidar isso. Então estou até optando, se não tiver Carnaval na cidade, desfilar em

outra cidade vizinha. Já conversamos sobre isso. Para que? Para que eu possa reagrupar o povo de novo. Quando foi campeão em 2012, eu estava com um grupo homogêneo. Estava perfeito o Carnaval, estava tudo estruturado. Mas aí veio o prefeito e fodeu com a gente. Então eu tentar fazer de outra forma.

R.F. – Vocês já pensaram em ir para o Carnaval de São Paulo?

R.M. – Já. “Vamos para lá, vamos fazer igual a gente faz aqui. A gente é campeão lá nos grupos e coisa e tal.” A gente tinha essa pretensão. Eu acho que esse ano agora, 2015, seria o ano que nós iríamos para São Paulo. Eu falei: “Mano, calma tem que criar estrutura, falta uma coisinha aqui ainda. Ir para lá para passar vergonha? É uma entidade.[Inaudível]. [Inaudível] 2012, ganhar mais uns dois anos aqui, firmar mesmo a estrutura e depois ir para São Paulo.

A.B. – Quantas sub-sedes tem hoje a Estopim?

R.M. – Olha, nós temos sede na Praia Grande, na Baixada; na Cotia, na Zona Oeste; Botucatu, Três Pontas – Minas Gerais, Pouso Alegre – Minas Gerais, Manaus – no Amazonas, Curitiba, Zona Leste, que a gente considera que é uma extensão da sede, por causa do estádio agora. A gente tem uma extensão da sede na zona leste. Vale do Ribeira, tem registro. [Inaudível] É isso mesmo. Nove sub-sedes.

A.B. – E como é a rotina de acompanhar um jogo agora lá no estádio de Itaquera? Se concentra aqui, já que tem uma sub-sede lá? Como que é?

R.M. – Então, a questão da sede lá... A gente chama de sede porque a gente faz parte, [inaudível] porque somos nós que estamos lá também. A gente tem uma dificuldade. O que acontece? A Estopim, ela é quase, 98% da Estopim hoje ela não é da capital de São Paulo. Ela não é de São Paulo. Então para a gente acompanhar o Corinthians, com o Pacaembu, o cara agora ficou mais longe, em Itaquera, é uma caravana. São trinta e poucos quilômetros. São quase 30 quilômetros de ida e volta. Dá mais de 30 quilômetros de ida e volta. É quase uma Campinas, se for ver assim, para a gente. Ah, e também tem uma sede em Campinas. Desculpa aí, pessoal. [risos] Falei da cidade, lembrei de Campinas. É hoje, torcida de fora do eixo Campinas que tem sede somos nós. Eu trato isso como um feito, como uma coisa de respeito lá na cidade.

R.F. – Bambu, você pode depois trocar a fita, que está acabando aqui? Acho melhor...

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

R.F. - ...entrar na Estopim. Como que ela faz para entrar? Como é o processo de entrada do novo sócio na torcida?

A.B. – As obrigações, valores, tudo.

R.M. – A Estopim funciona assim: a pessoa tem que preencher uma ficha. Quando for menor, o pai, embaixo, tem que dar autorização. Uma foto e R\$ 20 reais. Cinco reais a carteirinha e 15 da mensalidade. Aí paga R\$ 15 reais mensal, ou anual, tem vários tipos de plano, entendeu? Mas a principal importância é que o cara só pega a carteirinha hoje da torcida se ele participa de uma reunião preparatória aqui na sede, referente ao sócios novos que a gente chama. Tem uma vez por mês a reunião. Então como é que funciona? Nessa reunião a gente explica a história, a nossa ideologia, o porquê da torcida, qual a importância dele para o movimento, para o seguimento, [inaudível] do clube e torcer. A gente fala sobre a importância dele. Se preocupar em torcer com segurança, torcer bem pelo Corinthians e voltar vivo. Porque o que a gente quer é isso, que ele vá para o jogo em segurança e volte em segurança. A gente está conscientizando ele da importância de obedecer a um diretor que está ali fazendo um papel de liderança e se ocupando por causa da entidade. Respeitar a entidade, não só da Estopim, como das outras torcidas também. Respeitar o Corinthians principalmente. Estar indo sempre aos jogos, torcer 90 minutos e depois... Não ficar no jogo só sentado, assistindo o jogo. Mas também de participar dos jogos, assistir aos jogos o tempo todo. Nós estamos aqui para isso, só para isso. Para torcer para o esporte Sport Club Corinthians Paulista. Nada é mais importante que isso.

A.B. – Depois disso, como ele se engaja em algum departamento, alguma função?

R.M. – Então, aí gente [inaudível] que tem esses departamentos. Para as mulheres tem a torcida da... As mulheres se organizam aqui de forma não oficial, mas para ir para o jogo junto. As mulheres ficam com uma galera junto, por causa da molecada das bandeiras. Aí depende do interesse. A gente cobra muito do sócio que frequente muito a sede. Sai do trampo, passa na sede. Sai da escola, passa na sede. Para que ele crie mais anseio, mais amigos e daí ele parta para... “Esse moleque é bom é bom em tal coisa ali.” Por exemplo, fazer isso, fazer aquilo outro. Aí a gente começa a convidar para departamentos. Sempre pelas bandeiras. A bandeira é um pré-vestibular, a diretoria, é fantástico. Ali o cara vai conhecer, saber amar ainda mais o time, principalmente depois da torcida e vai lapidar o cara.

[FINAL DO ARQUIVO I]

R.M. – Então, [inaudível] de Itaquera... A Estopim, ela tem... Noventa e cinco por cento da torcida é feita por cidades, não por São Paulo. Então, o que acontece? A gente tem um monte de dificuldades para ir para o jogo. Qualquer jogo nosso é uma caravana. Para ir para o Itaquera

são quase 60 quilômetros de ida e volta. Até mais. É uma hora. Daqui até Itaquera é uma hora, uma hora e vinte para a gente chegar até o estádio. Então por isso a gente abriu uma sede lá em Itaquera. Para que? Para atender ao povo que vem de metrô, que vem direto, para as sub-sedes. Imagina ter que passar aqui. Lá já tem uma estrutura física de ponto de encontro e tal. Então a gente decidiu montar uma sede em Itaquera para isso, para ter a funcionalidade para todo mundo ser bem atendido ao chegar no estádio do Itaquera. Entendeu? Eu acho que é um sonho também realizado ter um estádio. Por mais problemas que tenha, por mais que alguns não gostem do jeito, eu não abro mão e me orgulho muito. Me orgulho muito de ter.

R.F. – Muitos associados não gostaram?

R.M. – Não, não sei. Eu também queria entender isso. Porque... “Ah, ficaram vazios aqueles cantos atrás do gol, ficou aquela abertura, não ficou fechado, não ficou...” O que eu me conformo é que aquele foi o projeto... Se você pegar o projeto de 2010, uma foto, está igual? Está idêntico. Os arquitetos fizeram... A engenharia fez igual quis o arquiteto. E não foi um negócio que ninguém ficou sabendo. Desde 2010 aquilo... “Vai ser assim.” Ninguém falou nada. “Vamos ter um estádio, acabou a chacota, acabou.” E agora que tem... É como sair de um barraco para um apartamento diferente. Como é que você não vai gostar disso? Não que o Pacaembu seja um barraco. Estou dando como exemplo. Pacaembu é nossa casa, é o querido, não é?

R.F. – Você sente falta dele?

R.M. – Cara, falta eu não sei se é a palavra. Não, porque eu me orgulho muito de ter um estádio hoje em dia. Então eu acho que o ego de ter um estádio... Valeu por você existir, Pacaembu, obrigado pelo o que você fez. Acho que é o caso de uma ex-namorada. Por mais que ela seja boa, por mais que acabou bem e tal, mas eu vou valorizar o que eu estou com ela hoje. Porque ela, hoje, ela é minha. Então acho que é isso. “Ah, eu vou fazer um [inaudível].” Igual criança quando muda de escola. Até ela fazer um grupo de amigos, vai sofrer muito. É natural. É uma mudança natural. Vai demorar, mas acho que os números comprovam isso. Nossa [inaudível] no Itaquera é muito alto. Perdemos um jogo só em casa. Então acho que a vantagem é essa. E eu me orgulho muito de ter um estádio sim. [inaudível]. Eu também teria muito orgulho como eu tenho de Itaquera, da Arena Corinthians.

A.B. – E aí um jogo às cinco horas no Itaquera. Qual é a rotina da Estopim? Começando aqui.

R.M. – O nosso maior problema é jogo 7h30min em dia de semana. A gente não consegue chegar lá. Não consegue chegar. Para as bandeiras chegarem lá, tem que sair daqui, no máximo,

3h da tarde. Para estar com o material, seja [inaudível]. Então tem que estar aqui, no mínimo, 1h da tarde em dia de semana, para sair daqui às 3h30min para chegar lá às 5h para entrar com o material. O sócio então... Não chega, não chega. A Estopim só se forma mesmo no segundo tempo, porque não tem condições. É inviável, é um descaso esse horário com o torcedor. Não tem condição. Um jogo 5h de domingo... Abre a sede de manhã, se organiza aqui. A gente sempre sai daqui duas horas e meia antes do jogo. Todo jogo. Passa na sede, na Itaquera e toca para o estádio.

A.B. – E dentro? Qual é a organização da Estopim dentro? Como é a organização dos materiais?

R.M. – Ah, a gente [inaudível] de bandeiras, não é? Os moleques costumam... Inclusive quando é clássico, um jogo mais importante, eles me convocam. Eles fazem um ofício. “Quero isso, isso, quero esse material.” Um exemplo. “Quero 100 bandeiras, quero bateco, saco inflável, faixinha de mão, bexiga, TNT, faixas.” Então eles fazem um ofício, eu vou na reunião no choque, ou eu, ou o Coxa, vice-presidente. Vai na reunião, faz a liberação do material e faz a festa. A gente não gosta de ter esses rituais. Eu vim muito daquela geração da década de 1980. Quando a bola batia na trave, “uh, só dá Timão³.” Era uma coisa que você não precisava... Já era clássico. Então a gente conseguiu, a gente criou essa rotina. Quando o Corinthians faz um gol, a Estopim canta um tipo de música. A gente fala que a gente tem aquele samba do Trem das Onze, do Adoniram Barbosa, a gente faz o que? A gente maquiou ele, fizemos uma... Esqueci a palavra agora.

A.B. – Adaptação?

R.M. – Não é adaptação, a gente fez um... Não, no carnaval tem uma palavra quando você faz a mesma melodia, só muda... Mas aí não vem o caso. A gente adaptou a música. Então a gente fala lá, em uma parte lá: “E além disso, Corinthians, tem outra coisa. Você só faz gol depois que eu chegar.” Então quando o Corinthians faz um gol a gente canta essa música, canta esse trecho dessa música, para motivar. E tem coisas que a gente sabe. Na hora que sair um gol, a bandeira tem que subir, time entrou em campo, o bandeirão tem que estar aberto. Então a gente criou regras de organização na arquibancada. Como camisa. A gente faz questão que o sócio vá com camisa oficial. Ele é muito cobrado nesse sentido, se não tiver camisa oficial. [inaudível] porque ele vai representar a Estopim. Então nosso lugar, nossa camisa, nossos cantos de acordo com os jogos, com o tempo do jogo e também a festa, que hoje é pouco, não

³ Entrevistado simula grito de torcida.

é? O que a gente faz hoje de diferente? É bexiga, TNT, nós temos o bateco, que é um saco inflável que em São Paulo só quem usa mais é a gente, faixinha de mão, os adereços de isopor, que são as alegorias do carnaval, que a gente leva, os símbolos. E muita gente está apreciando aí. Estamos com umas ideias aí. Vamos ver se o policiamento consegue liberar, consegue entender que aquilo é só festa e liberar para a gente. A gente vai lutar esse ano para que tenha algumas coisas diferentes, como fumaça, que não seja de fogos de artifício, que venha proveniente de outra situação; papel picado, papel higiênico, vamos tentar umas coisas. Tentar convencê-los de que a melhor maneira é ocupar as pessoas mesmo.

A.B. – Você acha que a Estopim hoje é a torcida mais criativa, ou mais festeira dentro do estádio?

R.M. – Não, não diria isso. Eu acho que nós somos... Escapou da proibição, porque era só A, B e C. A gente leva umas coisas que são diferentes para poder tentar fazer a festa. Mesmo assim é muito pouco. Mas não, eu acho que não. Todo mundo tem seu patamarzinho. A gente tenta só sair da limitação.

A.B. – E a relação com as torcidas vizinhas que estão ali? É a Camisa 12 ou é a Pavilhão que está do lado?

R.M. – Hoje é a Pavilhão 9. A gente se dá muito bem. A Estopim e a Pavilhão têm um respeito mútuo assim, sabe? Então a gente se dá muito bem nesse sentido e não tem problema nenhum, não. A gente está até pensando em fazer trabalhos futuros aí de organização juntos. É que tudo é novidade, Itaquera, tudo é muito recente. Nos próximos jogos, se tiver que fazer algo em conjunto aí, não só com a Pavilhão, com a 12 também, com a Gaviões, com todo mundo. Quando a gente se reúne faz algo nesse sentido. É muito importante.

R.F. – Você acha que o estádio de Itaquera, ele deixou mais próximas as torcidas organizadas? Isso gerou um estranhamento em termos de canto?

R.M. – O que eu acho, assim, muito lamentável não é só na questão de Itaquera, mas na questão de todos os estádios do Brasil, é a questão do encurralamento do torcedor. Do gradinho, da prisão que a gente tem que ficar em estádio. Separar o torcedor comum, ou não ter os setores livres. Porque eu acho isso muito triste. Eu me lembro que no Pacaembu, quando eu era moleque, eu ia ao Pacaembu de ponta a ponta. Fazia aquele arco ali correndo. Muitos moleques faziam isso. Hoje não pode, não tem. É meio que proibido e o torcedor vai ficar naquele setor, pronto e acabou. Só ali e como uma rédea, como um cabresto. Eu fico muito chateado. Mas

não é só por conta de Itaquera. É culpa de [TACs] que as torcidas assinaram, é culpa de uma série de coisas.

R.F. – Bambu, queria que você contasse um pouco agora das caravanas, da importância que elas tiveram na sua vida. Você tem lembranças da sua primeira caravana para acompanhar o Corinthians fora do estado de São Paulo?

R.M. – Cara, as caravanas... Minha primeira caravana foi em 1994. Corinthians e Flamengo no Maracanã. Corinthians perdeu de 5 a 2 no Maracanã.

R.F. – Você foi com a Gaviões?

R.M. – Fui com a Gaviões. A gente foi com um grupo não da Gaviões, a gente era da Gaviões, mas a gente foi com um grupo do bairro lá de Diadema, Eldorado. A gente se reuniu, alugamos um ônibus e fomos por conta própria. Foi direto. Fantástico. Acho que se o cara realmente quiser conhecer a torcida, tem que viajar. Porque é através delas que você conhece as pessoas, conhece mais amizades, conhece a Estopim mais a fundo, conhece a torcida mais a fundo, participa mais efetivamente das histórias, do samba, das brincadeiras que tem, de uma série de coisas. É fantástico. Caravana é a melhor coisa que existe no mundo, cara. É você viajar, por mais que o ônibus tenha poucas condições, não tenha conforto, mas é fantástico chegar em outra cidade, muitas vezes em outros país e acompanhar seu time. É um êxtase muito grande. Eu já viajei 15 dias.

R.F. – Seguidos?

R.M. – Seguidos.

R.F. – Conta um pouco como foi isso.

R.M. – Eu fui com uma caravana em 2001.

R.F. – Já com a Estopim?

R.M. – Já com a Estopim. Fui levar a faixa. Eu era diretor da torcida na época, eu fui levar a faixa. A gente saiu de São Paulo para Recife na quinta-feira, jogávamos no domingo. Aí assistimos o jogo do Corinthians no domingo. Perdemos o jogo lá em Recife, 1 a 0 para o Sport. Ficamos em Recife a segunda-feira toda, porque na quarta-feira tinha Corinthians e Cruzeiro em Minas, lá em Ipatinga. E no domingo tinha Corinthians e Bahia em Salvador. Então eu fui São Paulo – Recife, Recife – Minas, Minas – Bahia e Bahia – São Paulo. Então foram 15 dias de viagem. É muita coisa. A melhor viagem da minha vida, cara.

R.F. – Tudo de ônibus?

R.M. – Tudo de ônibus.

R.F – Com mais torcedores?

R.M. - Com mais torcedores. Fui com o Corinthians, com a Gaviões, Camisa 12, Pavilhão 9, foi fantástico. Foi realmente... Aí nessas viagens ficamos dois dias em Ilhéus. O lugar é fantástico, sabe? Se hospedando em hotéis que não tinham o mínimo recurso para baratear a viagem, fazendo rateio para tomar cerveja na praia. É coisa, assim, muito boa. Uma das melhores viagens que eu já fiz na minha vida. Eu viajei bastante já, mas eu repetiria tudo de novo. Foram 15 dias assim.

A.B. – Você pode dizer que você conhece o Brasil graças à torcida.

R.M. – Graças ao Corinthians eu digo. Porque a torcida proporciona muito isso também, sabe? O jovem que nunca foi em lugar nenhum pela condição financeira, ele vai em todos os lugares do Brasil. Com caravana a passagem é mais barata. Na Estopim hoje é mais barata ainda, porque a gente conseguiu adquirir um ônibus. A gente tem um ônibus hoje. Aí ela ficou pela metade do preço a passagem. Metade do preço ficou a passagem. Então para ir para o Rio o cara comprava... Para ir para Porto Alegre, um exemplo, era 120, hoje é R\$ 67 reais. Então o cara vai para Porto Alegre. Onde o Corinthians foi no Brasil, eu tenho grandes histórias. Passagem por varias cidades, estados, países, municípios. Muito bom. Gosto muito de viajar. Acho que é essencial.

A.B. – Japão você foi?

R.M. – Eu fui para o Japão. Para o Japão eu fui em um caso curioso. Fui em uma aposta no Japão. Estava bebendo com um amigo, casa do Seu Zé, tomando um vinho, comendo uma pizza, aí ele falou: “Bambu, passou pelo Vasco é campeão.” Eu tenho comigo uma cisma muito de... Sou muito supersticioso. Na seguinte forma de aposta, todo jogo eu faço uma aposta comigo mesmo. “Se acontecer isso aqui, vou fazer aquilo.” E acontece e eu faço, cara. Aí o Seu Zé falou assim: “Se for campeão... Passou pelo Vasco é campeão.” Eu falei: “Olha, tem o Santos, talvez tenha o Fluminense ou talvez o Boca na final.” “Passou do Vasco é campeão.” Eu falei: “Não é campeão, não. Mas se fosse campeão eu viria a pé do Pacaembu até a sede.” Ele falou: “Ah, vem nada.” Falei: “Eu vou.” “Ah, você vai? Então para o Japão eu pago a sua.” Falei: “Está bom então.” Assim, conversa informal e tal. E eu estava comigo muito destinado a seguinte forma. Em 2000 eu fiz uma promessa. Em 1999 antes tirar o passaporte. [inaudível] tirar o passaporte. E não tirei o passaporte. E fui naquele carma todos os anos. Aí eu falei, em 2002 eu falei: “Olha, eu vou tirar o passaporte, se perder, não vai ser mais minha culpa. Então eu vou tirar o passaporte, porque aí...” Para mim, [inaudível] não vai ser mais minha culpa, tirei

o passaporte. Aí o Corinthians começou a criar corpo, criar aquela forma. “Se o Corinthians for campeão eu vou vir a pé do Pacaembu até Diadema, vou tatuar a taça da Libertadores na perna e vou em todos os jogos do Brasileiro de 2012. Fiz isso eu mais uns amigos, um cara falou depois, cada um fez uma... E eu cumpri as promessas. Aí para o Japão, quando eu cheguei aqui, eu demorei quatro horas e um minuto. Acabou o jogo, eu vim embora. A taça foi para o vestiário, eu comecei a caminhar.

R.F. – Sozinho?

R.M. – O meu primo conseguiu ingresso, depois [inaudível] conversando. Aí o [inaudível] passava por mim e: “Vamos aí, entrai aí.” Eu falei: “Não, eu vou a pé.” “Você é louco!” “Vou a pé.” Passei quatro horas e um minuto do Pacaembu até aqui. Mas foi a coisa mais fantástica que eu vi na minha vida. Porque a gente, como torcedor, “é campeão!” Diretor não. “Pessoal, pega o bandeirão, o ônibus. Tem que abrir a sede, tem que tomar cerveja lá. Tem gelo? Como é que está?” Se preocupa muito com essa questão. Se eu não ver... Você não comemora. Você fica feliz, mas você não comemora. E eu vim do Pacaembu até aqui com gritos de “vai, Corinthians.” A parte que me emocionou mais foi em um trecho ali da Rua Vergueiro, ali quase em frente ao Etapa. Um morador de rua me abraçou. “É campeão, é campeão!” O cara nem viu o jogo. Ele nem viu, sabe? Nem teve o prazer de ver o jogo, mas estava super feliz e comemoramos, dei um [pouco]⁴ de cerveja e vim embora. Foi muito emocionante. A gente pulava em cima de carro, até do carro do próprio cara. “Campeão, caralho!” E vim de lá até aqui com todos os recursos, sempre com [inaudível] de: “Vai, Corinthians, é campeão!” [Inaudível] Sempre. Aí quando eu cheguei aqui, a filha do Seu Zé estava aqui, a Dani estava aqui. Ela falou: “Caramba, você veio a pé mesmo.” Falei: “Vim a pé.” “Cara, você é foda, hein?” Aí outro dia eu fui lá. Fui lá e ele falou para mim o seguinte: “Você cumpriu a promessa mesmo?” Falei: “Cumprí a promessa mesmo.” Aí ele pegou e falou: “Aí, está aqui a minha promessa de fazer o cheque. Cinco mil reais, compra lá para o Japão.” Fui para o Japão graças a isso aí. Já iria de qualquer forma, eu ia penhorar a alma e iria, mas eu tive essa ajuda para poder ir para o Japão. Foi um caso curioso. E outras promessas. No [inaudível] de São Paulo, os caras até hoje falam. [inaudível] o Dida pegou os pênaltis. Falei: “Meu, se o Dida pegar pênalti, eu vou comprar a camisa dele de goleiro, [inaudível], uma laranja, que ele usava. Aí ele pegou. “Caralho, tenho que comprar a camisa.” Na semi-final do Brasileiro de 1999. Aí eu

⁴ O mais próximo do que foi possível ouvir.

falei assim: “Se perder agora...” Comigo, eu não falo... “Se pegar, eu vou embora.” O segundo pênalti. Pegou, [inaudível]: “Onde você vai?” Fui embora. Tem muito essas coisinhas. Lá na Bambonera também. Estava tocando caixinha, ponho aqui no ombro e fico tocando. Aí o Romarinho entrou. Falei: “Se esse cara fizer um gol, eu vou levar essa caixinha embora comigo. Vou levar no aeroporto...” Eu fui de avião, eu não fui de ônibus com a caravana. Eu ia lá pegar os ingressos antes para organizar. Eu falei: “Vou levar comigo essa caixinha até em casa. Até na sede eu vou com essa caixinha. Não vai embora com a bandeira, vai embora comigo. Aí o cara entrou e... Aí na hora de ir embora [inaudível] a caixinha eu falei: “Não põe a mão, que eu vou levar.” [risos] Eu fui batucando no aeroporto, fui fazendo... Então tem muito essas coisas assim. Eu tenho apostas repentinas. “Se fizer isso, eu faço aquilo outro.” Às vezes não funciona, mas na maioria das vezes funciona. Eu tinha um carma muito grande [inaudível] passaporte. Prometi, não tirei, eu tenho que pagar. Tem que pagar, se não as próximas não funcionam. Ele tem um bloqueio. E caravana [inaudível] é fundamental, cara. Você conhecer, você fica mais antenado na questão da segurança, da rivalidade no [mundo afora]⁵. Então tem muito disso. A gente tem que se precaver, se orientar, nessa questão mesmo politizada para poder... E a caravana, a melhor fase da torcida é a caravana. Onde você conquista novas pessoas. Você acaba gostando mais da entidade. Você frequenta várias e várias viagens.

A.B. – Tem torcidas de outros times que hoje ajudam vocês a fazer esse deslocamento com segurança, os trajetos?

R.M. – Não, a torcida do Corinthians, ela é muito particular nessa questão, porque ela não tem muitos aliados. A gente é muito “nós por nós mesmos.” Só nós. A gente viaja muito, o Corinthians viaja muito, bastante e vai em quantidade. Você vê, você vai em jogo aí que cada um está com um ônibus, com dois. No mínimo cinco ônibus cada torcida em qualquer lugar do Brasil.

A.B. – Mas você tem uma boa relação com outras lideranças de outros clubes?

R.M. – Não, a gente se conversa, vai em seminários, reuniões, mas não ao ponto de ligar uma para o outro e: “Estou indo aí, não faz nada comigo, não.” A gente procura fazer aquela prevenção da segurança. Liga para polícia e fala: “Estamos indo em um ônibus tal, nós vamos chegar tal hora aí.” Liga para o cara, reserva os ingressos, paga os ingressos, quando chegar é só retirar os ingressos. Ou [inaudível] pelo correio, ou retira aqui em São Paulo, algum esquema.

⁵ O mais próximo do que foi possível ouvir.

Então a gente tem a questão da... Hoje em dia, a modernidade está nesse sentido de você se precaver. A prevenção. A violência só acontece quando não tem prevenção. Quando as pessoas não querem fazer a questão da prevenção nos estádios, que hoje acontece muito disso. Mas caso contrário, não. Tem vidro quebrado, tem ônibus amassado, tem xingamento, tem essas paradas. Esses negócios sempre vai ter. Torcedor é muito plural.

A.B. – Fora dessa rotina de jogo, tem alguma relação, por exemplo, com essas torcidas que estão no entorno de vocês, de Diadema? Para jogar uma bola, para fazer uma festa.

R.M. – Não, a gente já... Aqui hoje, na cidade, tem um clube agora que é profissional. Inclusive é um clube de apoio. Três ruas depois da minha. É o Água Santa, que virou profissional. Mas todas os torcedores de lá, a maioria é da Estopim também. [inaudível] vai disputar agora [inaudível] de Diadema. A gente não tem muita proximidade. A gente tem muito respeito. [Inaudível] com a Pavilhão, com a Camisa 12, sempre [inaudível] mais interno. Já tivemos um [inaudível] com a Jovem do Santos, de jogar bola juntos, de frequentar quadras, mas naquele âmbito de respeito. Você vem aqui, eu vou lá, te tratam bem aqui, me tratam bem lá e pronto.

R.F. – Como que nasceu isso com a Jovem do Santos? Veio de amizade pessoal?

R.M. – Não, a gente vai em reuniões, tal, tal. “Vamos bater uma bola na quadra lá?” “Vamos lá.” Acho que um cara da torcida do Sport conhecia um cara daqui e falou: “Vamos jogar uma bola,” “Vamos.”. Sempre quando tem festa de aniversário, umas convidam as outras, sabe? Hoje menos, mas no passado bem mais. Então a gente acabou criando essa relação de respeito. “Vamos bater uma bola aqui?” “Então tá, a carne é sua, a cerveja é minha.” E vamos lá, quando perde a gente do outro e tal. Então a gente jogou uma vez lá, os caras jogaram aqui uma vez, mas depois a atitude dos caras lá mudou e acabou perdendo um pouquinho esse foco. Mas a gente se vê, se cumprimenta, a diretoria, se respeita. Já teve casos que a gente se encontrou no trajeto. Nós com dois ônibus descendo a Consolação e eles subindo com oito ônibus. Viram que era a gente e... [inaudível] estava com a escola também, mas mesmo assim não teve problema nenhum. Então tem essa questão do respeito. [Inaudível] aliada, a gente se fala hoje muito com a [inaudível] do Reino. Tem uma bola relação com os caras, assim, de frequentar sede, eles vêm para cá, [inaudível], a gente vai para lá, frequenta lá. Mas sem [inaudível] camisa porque eu até sou contra isso. Com moderação eu permito, porque ou você é corinthiano... Você não tem como ter dois times. Então a gente tem esse lance do respeito mesmo, mas a amizade é paralela. Eu tenho amizade com um cara do Fanáticos, que é o Juliano, converso. No jogo do Coritiba [inaudível] eu vou lá e vamos comer uma pizza, tomar uma cerveja junto.

Lá no Rio eu falo com os caras da Urubuzada, Marcelo, da Urubuzada. “Bambu, vem para cá.” Me liga, eu vou na casa dele, troco umas ideias, tomo uma cerveja, mas a gente não envolve. Eu não posso envolver cinco milhões de pessoas porque eu quero. Então eu vou lá no particular, depois do jogo, mas na hora do jogo você para lá, eu para cá e acabou o problema.

A.B. – E com o fim da Conatorg como também está essa função de defender a torcida no âmbito mais político, no âmbito mais estadual da coisa?

R.M. – Eu vou dar um furo para vocês de reportagem aqui. A gente criou a Anatorg agora. Associação Nacional das Torcidas Organizadas do Brasil. E tem uma outra postura, tem uma outra visão. A gente teve um seminário agora, eu até falei para o Coxa. Falei para o Coxa agora no seminário: “Coxa, o que os caras falaram aqui, o que os caras estão pleiteando agora é ser o que nós fazemos.” Nós temos [inaudível] com a entidade e negar a vaidade de lado de um ou de dois, porque eu gosto de brigar ou não. E depois decidiu [inaudível] a associação que quem vai dirigir vão ser as pessoas, não vão ser as entidades. Para não ter esse problema de... A gente sabe que a rivalidade não vai acabar. Acredito que termine a violência, mas a rivalidade de forma alguma. E principalmente as mortes. Nós estamos bem convictos, a discussão foi muito ampla nesse sentido de que não dá para aceitar mais. Então está muito claro nesse sentido. Então a gente criou essa Anatob e está tendo um diálogo muito produtivo, muito produtivo mesmo de se politizar para defender as nossas causas. Principalmente as causas do futebol, que a gente está vendo que o futebol está virando produto, está virando mercado, está deixando de ser um esporte. Então a gente está se preocupando muito nesse sentido, porque se acabar o futebol, acaba todo mundo. A gente está nesse sentido de lutar por isso, pelos ingressos caros, contra o futebol moderno. Eu acho que o futebol tem que evoluir, não se modernizar. De [inaudível] os torcedores... Nós estamos criando um tipo de torcedor que está pagando. Ele está indo porque ele comprou ingresso pela internet. Eu já falei para os moleques: “Você já flutuou no Pacaembu alguma vez?” O cara falou: “Não.” Para você comprar ingresso no Pacaembu, você tinha que entrar numa briga para chegar e só saía flutuando, saía por cima, o povo te jogando. Então eu brinco: “Você já flutuou no Pacaembu?” Então esse ingresso está fácil, não é? O cara compra pela internet, através do aplicativo, gasta dois minutinhos. Se o tempo ficar preto, se der uma garoinha, se algum dia ele estiver lavando a calçada lá fora, [inaudível] estiver chovendo... “Não vou para o jogo, não.” Ele não vai para o jogo. Porque ele está tratando o futebol hoje como produto. Estamos criando hoje clientes, não torcedores. O cara vai hoje no estádio, ele não aceita mais o cara errar um passe, porque ele acha que está pagando e o cara

tem que fazer o que ele acha que tem que fazer. Eu fico indignado quando os caras aqui da torcida falam: “Ainda perdeu para os caras.” Falei: “Não, esse é o esporte. Um perde e um ganha.” Não pode admitir é corpo mole. Não pode admitir que o cara esteja sendo bem remunerado, como eu acho um absurdo isso, para fazer algo que ele não faz. Porque o profissional hoje, ele só é profissional para cobrar os direitos dele. “Ah, não estão me pagando. A torcida veio aqui me xingar no meu ambiente de trabalho.” Mas ele não é profissional na hora dele chegar no horário. É inadmissível a pessoal errar um passe se ele ganha 300, 400, 500, um milhão para fazer aquilo. É como um motorista bater um ônibus. “Ah, eu errei.” Como um médico errar uma cirurgia. Então os jogadores têm que ser profissionais, já que eles cobram tanto profissionalismo, nesse sentido. É inadmissível os caras fazerem corpo mole, ou fazer grupinho. Você está sendo pago para jogar bola. Não é fácil, eu sei que não é fácil o cara dias e dias lá hospedado, largar a família, está nos melhores hotéis, mas é [inaudível] mesmo. Só que eles só exigem profissionalismo quando o torcedor invade o CT para criticar, quando eles não são pagos. Eles não falam: “Errei o passe hoje”. É inadmissível o cara errar um passe hoje. O futebol não deveria aceitar esse tipo de coisa. O cara perder o gol... Agora, o cara errar o passe? De quatro, cinco metros? É inaceitável, cara. O cara ganha... O cara tem estrutura, chuteira [inaudível], bola inteligente, gramado perfeito. O [inaudível] do cara pesa cinco gramas. E o cara só quer ser profissional na hora de cobrar os direitos que estão em atraso, ou de xingar o torcedor. Só isso. Aí o futebol está se tornando isso. Está ficando... E a Anatorg vai lutar por tudo isso também, para abrir mais espaço no futuro, discutir relação de prevenção, que é fundamental. Discutir até a questão de rivalidade, para ter a questão da Anatorg entre nós mesmos, sabe? A discussão está sendo muito produtiva. Já criamos logotipo, já estamos [inaudível] em redes sociais. Vai ser árduo, vai ser árduo, mas estamos falando de milhões de pessoas. Se nós nos organizarmos, ninguém tira nossa força. Então eu acho que hoje está tendo outra visão, tem outro pessoal na frente das torcidas. Eu acho que ao longo de todos os anos, o clima está mais favorável para esse ano. Então a gente tem um grupo no Whatsapp aqui que tem quase 100 torcidas. Só liderança. Troca maior idéia, maior respeito. “Vamos fazer isso” e tal. Então a gente vai fazer ações aí. [Inaudível] por se tratar de um museu, como o Museu do Futebol, daqui a pouco vocês vão ter o Pacaembu. “Olha, aqui se jogava bola antigamente...” Então tem essa preocupação, porque virou muito negócio o futebol. Está deixando de ser paixão. Chega na hora do negócio, você enjoou do negócio. Seu carro hoje é excelente, mas daqui a três anos não vale mais nada. Tem que trocar o carro. Televisão a cada dois meses lança

uma nova. No futebol não tem essa evolução, não. Eu acho que tinham que, sei lá, o governo se meter na questão salarial aí, de criar um piso, um teto, porque é muito dinheiro. Vai me desculpar, mas é muito dinheiro. Um milhão para jogador de futebol é muito recurso. É até uma humilhação perante o que a população ganha hoje em dia. Isso gera os clubes. Está essa decadência total por causa dessas condições. Qualquer cara sabe tocar, fazer... [Inaudível] ganha R\$ 20 mil reais. Não que ele não mereça, mas é muito dinheiro para jogar futebol. Tem que mudar, tem que sempre pensar o futebol dentro de seus princípios, desde atleta, até a questão social mesmo que está se perdendo. Não está deixando mais ser um esporte e sim um produto.

A.B. – Quantas lideranças estão envolvidas com a Anatorg?

R.M. – Olha, muita gente. Do Norte, Nordeste, tem muita gente. Isso aconteceu sábado. Hoje é quarta. A gente não conseguiu ainda ter isso com anotação, mas ela está sendo muito produtiva. A reunião lá tinha 104 torcidas organizadas. Tinha 104 torcidas do Brasil todo. Do Sul ao Nordeste, ao Norte. Então acho que o caminho é esse, entendeu?

A.B. – O grupo é composto por lideranças, ou tem um envolvimento, de repente, de entidades mais do Estado?

R.M. – Não, só liderança. Então a gente quer criar mesmo, acho que o caminho está sendo bem produtivo nesse sentido. Está sendo muito valioso, porque vai dar certo. Eu creio que agora, se tudo continuar nessa maneira que está, eu acho que o tempo foi... Essa pausa no campeonato para estarmos aqui foi muito produtivo para eles, porque eles estão com a mente aberta, não estão pensando em quem o time vai enfrentar. “Vou falar com esse cara aí, mas [inaudível] vou pegar eles.” Então saber que a rivalidade está acima de tudo. Nós vamos ter problema, que não vai acabar de uma hora para outra. Nós vamos chegar no estado lá não sei aonde, e vão dar uma pedrada no busão. Que eles vão vir aqui e vai ser do mesmo jeito. Então estamos cientes também de que é um processo de evolução. Começou agora a engrenagem. Até se formar uma máquina, vai demorar um pouquinho de tempo, mas tem boas engrenagens. Vai ser difícil de se quebrar. Estou muito contente nesse sentido.

A.B. – Qual seu sonho como uma liderança hoje de torcida? Qual é o seu ideal de espaço de torcer, de forma de torcer?

R.M. – Liberdade. A palavra essencial é liberdade. É você chegar no estádio com um saco, com um caminhão de material, sem ter de... Passar assim, por revista, mas sem passar pelo corte. “Isso não vai entrar, isso não vai entrar.” Se ele passar com caminhão lá, vir 30 mil rolos de

papel higiênico, 40 toneladas de papel picado, 25 bambus, dois bandeirões, 20 [inaudível] de fumaça, piscas... Teve um caso que me marcou muito ao longo desses anos. Posso falar que eu fiquei triste, foi o caso de Jururu. Eu estava em Jururu. A única pessoa que viu o que aconteceu foi eu. [Inaudível], mas da forma como aconteceu só foi eu. Eu estava do lado da pessoa que tacou o rojão. Do lado assim, do lado *aqui*. E eu vi como tudo aconteceu. Foi muito... As pessoas ficaram presas. Eu não fui preso por sorte. O que acontece? Aquilo foi um ato simplesmente involuntário e sem querer. O moleque pegou o artefato. Ele não sabia o que era aquilo. Ele ficou fuçando aquilo, eu tocando a caixinha aqui do lado, eu olhando para ele e ele puxou a cordinha uma vez. Ficou: “Aonde que onde que acende isso? Não tem um pavio, não tem nada, era um cilindro amarelo. E ele mexia, mexia e, de repente, o negócio... Passou a um palmo do meu rosto. Até dei um tapa nele. Falei: “Presta atenção, cara. Queimou meu bigode, queimou meu cavanhaque. Presta atenção. Você é louco?” E eu vi aquilo. Ele pegou de uma ponta do escanteio à outra. Acertou uma pessoa lá em cima. Só que eu deduzi que fosse o que? Que aquilo fosse um rojão. Ia bater aqui, cair e estourar no chão. Nem vi aquela sensação. O clima estava muito agradável entre a gente no jogo. Aí uma hora eu falei: “Olha, vou no banheiro.” Parei de tocar, fui no banheiro, quando eu voltei tinha um monte de polícia cercando. Os caras chamaram a gente de argentino. Aí eu falei: “Nossa, estão chamando a gente de argentino? [Inaudível] Os caras não gostam da gente mesmo. Estão xingando a gente mesmo.” Depois que a gente descobriu que tinha morrido uma pessoa e foi complicado. Lamento, sabe? Mas eu acho que o que aconteceu ali foi despreparo. Só despreparo. Se ele virasse e falasse: “Tem 1000 aqui, acerta ali um.” Pegou onde pegou, foi atrás da cabeça. Aquele machucado queimaria, bateria, mas pegou onde pegou, da forma que pegou, foi muito acaso. Aconteceria. Acho que destino. Não sei se a palavra certa é essa, mas me marcou bastante. Para sair dali foi muito difícil. A estrada era um lixo, você via a ribanceira. [Inaudível] você olha para o bambuzal, você vê uma ribanceira de quilômetros. Então me marcou muito aquele jogo. E eu não fui preso porque fui no banheiro.

A.B. – Mas como você faria uma prevenção para que isso não acontecesse? Você acha que o que já acontece hoje no Brasil é para evitar casos como esse?

R.M. – Não, ih... O Brasil, se você quiser, você entra com qualquer coisa. Você entra armado hoje no estádio fácil. As pessoas não querem. Aquilo foi... Ele tem um efeito visual muito bonito. Você solta ele sobe uns metros, abre um pára-quedas e cai com uma luz acesa bem devagarzinho. Aí fica um círculo todo vermelho ao redor, fica bonito. Mas a pessoa...

Infelizmente, caiu em mãos erradas. E era um moleque, era de menor mesmo. Tudo que foi falado aqui, que a imprensa cogitou de ser bode expiatório, foi verdade. Foi ele mesmo, foi sem querer mesmo. E eu lamento pelas pessoas que ficaram presas, que foram todas inocentes. Então [inaudível] estava tocando. No que eu parei de tocar, fui no banheiro, quando voltei a torcida estava cercada assim por um monte de gente. Aí eu fiquei embaixo. Neguinho estava tocando, o cara... Tinha uma hora que a gente parou de tocar. Se não ia ser muitos mais presos. Em uma cidade horrível, sem condições de higiene básicas, sabe? Eu fui almoçar lá em um restaurante, tiveram que jogar Bom Ar no restaurante. Para você ter idéia do que era. Eu só peguei um pedaço de frango que já estava fritando, comi com a mão depois, pegou o arroz e junta o arroz com a mão assim, aquela poeira toda. [Inaudível] então passaram por um sufoco. Meus sentimentos. Sabe que o Corinthians foi penalizado, que o Corinthians perdeu a Libertadores de 2013 por essa questão. Comecei a viajar depois, comecei a ir, mesmo que infiltrado nos jogos, sabe? Sem camisa, mas com a faixa para representar, coisa e tal, a entidade. Mas as torcidas... A gente pagou um preço alto e está pagando hoje aí com pisque. Porque hoje você tem pirotecnia no bolo de aniversário rodeado por mais de 100 crianças em qualquer casa e você não pode no estádio [levar um bambu]⁶. Então eu acho que foi um erro que está embasado por outro erro. Chegar em uma festa e ter uma coisa... Eu acho que queriam inovar e não sabiam o que estavam fazendo. O garoto foi sem noção.

A.B. – Mas se fosse um associado da Estopim, por exemplo, você acha que a sua responsabilidade... Ter um olhar, um controle maior sobre esses objetos, sobre essas pessoas, que são menores de idade... Você é responsável por uma ação como essa?

R.M. – É aquela coisa: lógico que eu sou responsável. Tem que ser. Se eu estou lá na ata, eu sou o responsável. Mas você tem que saber o que você está fazendo. Tipo assim, é uma questão de organização. Eu sempre converso. “Vai levar o que?” “Estou levando tantas bandeiras.” “Vai abrir que horas a bandeira lá?” Eu costumo me preocupar com as bandeiras. “Pediram aqui cinco símbolos. Vão fazer o que com esses símbolos?” “Não, a gente pôr uma hora assim, depois uma hora assim. Vamos pôr um monte de TNT em volta” Eu tenho que saber o que é, porque eu gosto também. Tentando inovar uma forma de fumaça que não seja... Então eu estou procurando laudos, estou procurando lugares que façam isso. Estou quase descobrindo. Já descobri como é que faz, agora estou quase... Eu tenho que saber com o que eu estou lidando.

⁶ O mais próximo do que foi possível ouvir.

Aquilo é uma arma, como é um surdo. Se pegar um surdo, aquelas barras de ferro, para bater na cabeça de um policial, você mata o policial no meio da arquibancada. O bambu não bate em ninguém, os fogos não acendem sozinhos, os instrumentos podem se tornar uma arma muito mais fácil do que qualquer bambu. A questão é de interesses. Não, você tem que prejudicar as pessoas. Igual eu falo do policiamento. Dá margem de trabalho para você poder manipular até melhor seus filhos. “Olha aqui, eu vou te liberar o bambu, mas se você se comportar mal...” Dentro do Palmeiras um exemplo: torcida A e torcida B. Time A e B. A torcida do time B se comporta legal, não causa problema, não tem muvuca. Vai liberar tudo. Mas o time A vai ficar sem nada. “Ah, mas isso aí...” O sócio da A vai falar: “E aí, presidente? Por que os caras lá têm bandeira, têm fogos, têm fumaça, têm pisca e nós não temos nada?” “Ah, porque lembra aquele dia que você reuniu os caras do seu bairro lá e foram brigar? É por causa disso que vocês não têm nada.” Você acaba transferindo a responsa para o cara. O cara gosta da torcida pra caralho. Ele vai com a mãe, vai com a mulher, vai com a família, perde o emprego por causa daquilo, por causa da torcida, por causa do time. Então ele tem que se sentir culpado no que... Se perder alguma coisa, a culpa é sua. Os caras vão cobrar ele. “Caralho, você fica fazendo esquema para os caras lá?” “Olha lá, os caras mal foram na torcida, [inaudível] palma da mão, que não precisa de nós para ganhar o jogo aí, agora não temos nada por causa de você.” Então eu acho que é fácil controlar isso. [relação] do nome, RG... A baqueta hoje é marcada com o nome da entidade. Se tacar uma baqueta no estádio, vai aparecer lá “Estopim.” “Quem foi?” “Foi a Estopim.”

R.F. – Ela tem que ser marcada?

R.M. – Tem que ser marcada. O instrumento tem que estar caracterizado.

R.F. – Desde quando isso?

R.M. – Um ano, um ano e meio. Se eu tacar uma baqueta no bandeirinha, quando cair, vai pegar, vai virar. “Hmm, olha quem foi aqui. Foi a Estopim.” Então tem que ter esse discernimento. Não é fácil. Acabou, ninguém vai tacar mais nada no campo, porque se tacar, sabe quem foi. Antigamente, primeiro lance de impedimento, voava [inaudível] na cabeça do bandeirinha. Era natural. “Filho da puta!” Não tem mais. Foi uma forma de prejudicar a entidade. Então como nós não queremos que a entidade seja prejudicada, a gente não faz. Não deu certo? Vamos abrir mais, dar mais margens, entendeu? É esse o sentido.

R.F. – Bambu, você falou um pouco desse mudança do futebol se tornando cada vez mais um produto, a perda de paixão e dos jogadores, os próprios jogadores que hoje em dia não dão

muito valor a isso. A torcida, o time. Você sente muita diferença da geração da década de 1990, que foi quando você começou a se envolver com torcida organizada, dos jogadores? Eles eram mais próximos à torcida organizada, eles tinham mais diálogo do que a geração atual de jogadores que está surgindo? Você acha?

R.M. – Eu acho que mudou o torcedor e o jogador. Quando eu era moleque, eu não podia ir no jogo porque não tinha quem me levasse e não tinha dinheiro. Eu ficava ouvindo o jogo no rádio. Hoje o Corinthians joga... Eu comentei aqui, eu pintei a camisa do Corinthians. Eu pintei ela. Hoje o cara tem uma camisa oficial do Corinthians. O jogo está ao vivo na televisão. Está na rua soltando pipa, ou está no shopping passeando com a namorada. Ele não está mais preocupado com essa questão. E o jogador, o que acontece? Eles viram que eles estão muito amparados pela lei Pelé, cara. Eles fazem o que querem. [inaudível] você pisou no pé do seu amigo lá no campo, você já não conversa mais, já não quer saber mais. [Inaudível] causou lá [inaudível] saída que ele deu. Nada contra ele ser homossexual, se é ou não é, pela opção dele. Mas ele sabia que aquilo lá ia causar problema. Ele precisava sair, não queria mais, acabou de renovar, ele causou aquilo porque não ia dar nada. Eu acho proposital. Porque ele foi substituído pelo Titi. Xingou o Titi. Ele foi e fez aquilo para mudar o foco. E mudou o foco. Ninguém falou disso. Gerou todo um problema, você entendeu? E agora, eu estou falando para você. O jogador antigamente tinha mais afinidade com a torcida. Conhecía, conversava, frequentava.

R.F. – Você lembra o primeiro que você conheceu, que você teve contato como torcida organizada? Algum que você viu.

R.M. – Foi o Sócrates. Eu estava trabalhando no Playcenter e aí o Sócrates estava tendo um... Eu já era da Estopim, mas estava tendo uma semana, um debate na Gaviões, sobre a democracia. E ele estava. Deu o tempo certinho de eu sair do Playcenter e passar na Gaviões e vir embora porque era caminho da minha casa e eu fui lá a semana inteira e conheci ele. Foi o que eu tive mais facilidade. O cara que mais me emocionou foi o Rivelino. Esteve aqui. Eu fiquei muito emocionado. Eu tenho um grande amigo que é o Neto. O Neto, não sei se eu posso chamar ele de amigo, mas a gente tem uma relação de amizade legal, a gente conversa. Sempre vou ao programa dele, ligo para ele. É meu amigo do caralho. Neto? Você é louco. Eu passei a infância com o joelho ralado imitando o Neto e o Ronaldo. Para você ter um exemplo, nós fomos campeões de 1990, eu falo para os caras aqui, com um louco jogando no gol, porque o Ronaldo era um louco, e o Neto batendo falta. Quem puxou foi a torcida. Quem levantou foi a

torcida. Quem pá foi a torcida, mano, que levantou aquele time nas costas. Aquele São Paulo que a gente enfrentou na final. A [inaudível] que eu estou te falando não tem como ganhar. É coisa que só a torcida faz. E gerou isso. Você não vê revelação, porque o cara que está pagando lá o [inaudível] dele, ele quer ver as estrelas. Ele não quer ver o fulaninho pé de barro que está vindo da base. Ele quer ver o cara da chuteira douradinha, chuteirinha rosinha. Ele quer ver aqui. Ele não aceita. “Ah, mas o Corinthians não revela mais ninguém.” Lógico. Os torcedores hoje não dão mais margem para revelar ninguém. Você entendeu? Não dá, porque não aceita. Porque se o moleque der o passe errado, os caras xingam o moleque na rede social a vida inteira, o moleque nunca mais vai jogar bola. Então não é só dentro do clube, não, que vão revelar. A culpa é nossa de não aceitar mais. Não nossa. Do cara que comprou o produto. Ele não quer saber de ver o Malcom. Ele quer ver o Pato, quer ver o fulano, quer ver o beltrano. “Estou pagando ingresso caro pra caralho aqui, para ver esse moleque jogando bola?” Eu vou ali na minha rua, na Várzea lá. Nós estamos colhendo o que a gente plantou. A gente pode botar novas sementes, depende de todo mundo querer. De bater no peito, “Vamos enfrentar. Não, não vai, vai ser assim, vai ser assado.” Porque as torcidas, elas vão para o estádio para ver o time, para ver o clube. Perder ou ganhar é ocasião. Ela vai para ver o time. Então isso que afeta muito. E os caras não, eles vão para ver o espetáculo. Que não existe mais. E o cara, ele sabe o que? “Ah, não precisa [inaudível] com ninguém, não. Ficar na torcida para que? Torcida organizada, fazer homenagem que nem você fazia para os caras como sempre teve?” Não preciso mais porque eu tenho aqui meus 600 mil, minha bolinha eu toco para o lado, para a frente, faço gol de vez em quando, quando sobe uma bola. Está bom.” É muito fácil.

A.B. – Conta do centenário de vocês.

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

R.M. – O centenário. A gente se reuniu aqui e falou: “O que a gente vai fazer com o centenário aí?” Cem anos de Corinthians. “Ah, a polícia não libera isso, não libera aquilo, não libera aquilo outro. Não libera A, não libera B. Vamos fazer o que?” Aí eu tive a ideia de fazer 100 bandeiras. “Você é louco? Cem bandeiras, Bambu?” Falei: “Mano, vamos fazer 100 bandeiras.” “Como é que vai entrar isso?” A gente pendura... Aí vê aí lá no Pacaembu em cima da marquise. “Ah, vamos fazer depois da liberação, se não a gente não vai nem fazer. Vamos fazer e depois pega uma com a outra, junta e faz um bandeirão em forma de mosaico e leva assim mesmo.” “Está bom.” “Mas cem bandeiras? Vai fazer o que com 100 bandeiras? Vai pôr o que nessas bandeiras? Não tem nem idéia, mano.” Falei: “Ah, vamos colocar...” Fizemos uma reunião.

“Olha, Bambu, eu acho que fulano, beltrano, são os melhores jogadores que passaram.” “Legal, vamos fazer isso então.” Começaram os nomes, fulano, beltrano, sicrano... Chegamos no consenso de número de jogadores, mas mesmo assim faltava. Falei: “Primeira coisa: vamos pôr símbolos, os principais títulos, depois vem para os jogadores, posição, vamos combinar de pôr alguém da diretoria do Corinthians, técnico, personalidade.” Então a gente falou... Aí o Celso, [inaudível], me ajudou para caralho. O Celso é um parceirão nosso. Um abraço para ele. Ele me ajudou muito nesse sentido de fulano, beltrano, de buscar imagem para a gente poder transformar em imagem. Aí eu contatei a Patrícia e o cara de Minas para poder vetorizar os rostos em imagem para poder pintar a bandeira. Encomendei os tecidos, paguei costureira... Foi um processo monstruoso. Mutirão pintava ali. Então a gente conseguiu chegar em um numero comum. A gente teve que excluir duas pessoas que o nosso meio não estava se sentindo agradável de homenageá-los. Foi o Luizão e o Cléber, lateral. E O Ricardinho.

R.F. – Jogaram em rivais?

R.M. – Não, não jogaram em rivais. Todo mundo jogou em rivais. Mas o Luizão piorou o Parque São Jorge. [Inaudível] mas, sei lá, não achei que era tanto. O Cléber, assim que mudou para o Santos, xingou a torcida do Corinthians. [Inaudível] uma pessoa que te xingou, que te ofendeu, que não te respeitou. E o Ricardinho foi um caso que aconteceu no São Paulo. Porque a gente pediu para ele não ir, o Corinthians ia pagar mais, mas ele realmente quis ir e se fodeu lá também. Depois acabou ainda voltando, aceitando ele de volta [inaudível] cabível. Mas esses três não acho que merecem a homenagem pela história que tiveram no Corinthians, a gente decidiu tirar porque é uma homenagem nossa. Vamos fazer o que a gente quiser e quem fez por merecer. E esses três não mereciam. Então, entre vários jogadores a gente pôs todos os símbolos do Corinthians, colocou a dona Elisa para representar o torcedor comum e as mulheres. O Mateus para poder representar os diretores, para representar os diretores. Para representar a parte do presidente do clube. O Ayrton Senna como personalidade. “Vai ser o Senna para representar as personalidades, os famosos”. E o Osvaldo Brandão para representar os técnicos que passaram nesses 100 anos. E começamos. Aí nós ficamos quase uns três meses ocupando a base. Eram 20 caras toda noite fazendo alguma coisa. Com a de ocupar as pessoas. A gente tirou 20 caras de estar fazendo alguma coisa para poder fazer isso. E generalizamos totalmente essa questão. Então a gente pegou e pegamos vários jogadores, vários. Pegamos alguns títulos principais, alguns títulos de importância que nós tínhamos e fomos para a tarefa de fazer essa homenagem. No Pacaembu o cara falou: “Aqui em cima não tem como, o

bombeiro não vai liberar vocês ficarem aqui em cima, coisa e tal.” Aí através do Corinthians que ajudou [inaudível] desde 2010 a fazer o que? A colocar as bandeiras em volta do estádio. Só que aí a federação proibiu a gente de botar o nome da Estopim. A gente tem que dobrar o nome e passou sendo como uma ação do clube. A gente começou a divulgar bastante. “Olha, a Estopim está fazendo...” Está rodando o Pacaembu, panfletamos em vários lugares, vários setores e conseguimos ter o êxito de ser nossa essa homenagem. E foi fantástico. Emocionante. Aí legal, eu pensei. As bandeiras nós vamos usar elas só em casos... Meu, a torcida que vá fazer hoje 100 bandeiras. Você está louco. Bandeira 3,5 x 3. É grande. Não é bandeirinha pequena, não. É muita coisa. é um feito muito grande. É nego titularizado. Eu acho que foi um dos maiores feitos. “Ah, por mais que o bandeirão seja quilométrico e tal”, mas 100 bandeiras são 100 bandeiras. E aí cada ano a gente passou a ter uma bandeira nova. Tem casos curiosos assim. Em 2001 a gente levou uma bandeira do... [Inaudível] descobriu um símbolo novo, que parecia uma ferradura, coisa e tal. A gente levou aquela bandeira. E aí em 2011 essa bandeira... Foi essa bandeira nova que nós fizemos do símbolo novo. Em 2012 teve que ser a bandeira da Libertadores. Era uma conquista ferrenha. Em 2013 foi a bandeira do Mundial. E agora em 2014, Dr. Osmar. A gente homenageou. Teve um caso curioso...

R.F. – Bambu, daqui a pouco está acabando a fita. Melhor trocar.

A.B. – Tem dois minutos.

R.M. – Não, dá tempo. A gente foi pendurar as bandeiras, se eu não me engano foi no 103º ano. Não, 102º ano. E aí quando os moleques foram na frente... Cheguei no Pacaembu 9h da manhã. O jogo era à noite. “Tem que fazer um esquema aqui.” Fora que estava ali já há uma semana antes amarrando, ajeitando. A gente chegou lá e eu [inaudível] do Pacaembu lá falou: “Meu, é um lance que o Russo tinha morrido uma noite antes. E ele tem uma bandeira nossa.” Falei: “Meu irmão, [inaudível] staff. Tentar arrumar um lugar para ele no staff, no meio do campo e tal.” Aí eu subi ali os vestiários do Pacaembu, o campo ali. Aí eu peguei e falei: “Cadê a bandeira do Russo?” E os moleques com a bandeira do Russo na mão. Na hora. “Está aqui, vamos pôr agora.” “O cara morreu, vamos homenagear, vamos pôr ele mais no centro ali, perto do banco de reservas.” E o pessoal sente isso. Põe o Casagrande, o Rivelino, bota [inaudível], bota [inaudível], Cláudio, Idário, e é muito bom de se contar essa história. É fantástico. Então todo ano criou um rótulo. Como vai ser? Todo ano a Estopim vai levar 100 bandeiras e mais a do ano. Já está com 104. Ano que vem são 105 bandeiras e a gente vai fazendo.

[FIM DO DEPOIMENTO]